



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA, CAMPUS DE CODÓ
CURSO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS-HISTÓRIA**

NATANAEL ARAÚJO FAUSTINO

**HOMOSSEXUALIDADE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: O CASO DA CIDADE DE
CODÓ-MA**

CODÓ-MA

2017

NATANAEL ARAÚJO FAUSTINO

**HOMOSSEXUALIDADE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: O CASO DA CIDADE DE
CODÓ-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-História como requisito para a obtenção do grau de graduando pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus de Codó.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Jascira da Silva Lima.

CODÓ-MA

2017

FAUSTINO, Natanael Araújo.

Homossexualidade nas décadas de 1980 e 1990: o caso da cidade de Codó-MA / Natanael Araújo FAUSTINO. - 2017.

57 p.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Jascira Lima da Silva.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2017.

1. Codó-MA. 2. Histórias de vida. 3. Homossexualidade. 4. Interseccionalidade. I. Lima da Silva, Prof.^a Dr.^a Jascira. II. Título.

NATANAEL ARAÚJO FAUSTINO

**HOMOSSEXUALIDADE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990: O CASO DA CIDADE DE
CODÓ-MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-História como requisito para a obtenção do grau de graduando pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA campus de Codó.

Data da aprovação: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Jascira da Silva Lima
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Orientadora

Prof. Dr. Francisco das Chagas Rodrigues da Silva
Universidade Federal do Piauí - UFPI
Examinador

Prof. Dr. Dilmar Kistemacher - UFMA
Universidade Federal do Maranhão - UFMA
Examinador

CODÓ

2017

À minha família, minha mãe Lena, meu pai Assis e minhas irmãs Mayara e Marielly, pelas broncas e por toda a força e apoio desde o dia em que sai de casa para iniciar meu curso superior.

À minha orientadora Jascila Lima da Silva que me suportou todos esses meses, obrigados a todos os textos coloridos de correções, todas as broncas e apoio.

Aos amigos que me suportam e sou obrigado a suporta-los, em especial a Nathália Mouzinho, Guilherme Tavares, Janayna dos Anjos, Aline Soraia, Hamilton Neto, Antonia (sem acento) Tavares, Mailson Félix, José Carlos Aragão, Cristiane Martins e tantos outros que me ajudaram nestes quatro anos de curso, aos que vieram e ficaram e aos que já se forma. Agradeço todas as broncas e cervejas.

Aos amigos de dentro e fora da Universidade que me ajudaram a crescer de forma imprescindível, aos meus grandes amigos “orelhas” por todas as risadas e fofocas. Aos que trabalham nos espaços da Universidade, por mínimo que seja o contato.

A Codó, cidade de encantos, magias, mistérios, por ter me abraçado como filho. Agradeço pelos quatro anos, sofridos diga-se de passagem, onde pude aprender muito sobre a vida, onde erre e acertei, onde construí laços fortes que levarei para toda a vida.

À minha querida Universidade Federal do Maranhão, minha casa, local que irei respeitar e venerar. Aos meus queridos professores, colegas de sala, colegas de curso.

Aos viados, qualiras, baitôlas, cotiós, gays, afeminados, por serem livres dentro de um mundo que a cada dia os prende mais, por mostrarem que somos iguais, somos políticos, estamos vivos e importamos a todos. Em especial aos homossexuais que contribuíram para meu trabalho de pesquisa, aos informantes que foram fundamentais para que este estudo fosse construído.

Resumo: Este estudo tem como objetivo trazer um recorte temporal das décadas de 1980 e 1990 relacionado à homossexualidade na Cidade de Codó – Maranhão trazendo elemento do contexto estadual e nacional. Este recorte facilitou as investigações a respeito da construção das vivências homossexuais. Trato neste processo de investigação descrever a aceitação pessoal dos homossexuais entrevistados, bem como trabalhar as ligações dessa aceitação com o meio familiar, social, religioso e ainda a influência da independência financeira para este fato se concretizar. Reitero que as informações do estudo são trazidas a partir do relato oral de cinco informantes, sendo três deles da cidade de Codó e dois da cidade de São Luís, portanto os dados não serão tratados com generalizações e sim traçando características que mostrem a cena homossexual em Codó-MA nas décadas supracitadas. As análises do material empírico levantado foram produzidas a partir da discussão sobre a homossexualidade dentro de obras de autores brasileiros, tais como Mott (2001), Louro (2004) e Simões & Facchini (2009).

Palavras-Chave: Homossexualidade. Interseccionalidade. Histórias de vida. Codó-MA.

Abstract: This study aims to bring a temporal cut of the 1980s and 1990s related to homosexuality in the City of Codó - Maranhão bringing element of the state and national context. This clipping facilitated the investigations regarding the construction of the homosexual experiences. I describe the personal acceptance of the interviewed homosexuals, as well as work the connections of this acceptance with the familiar, social, religious environment and also the influence of the financial independence for this fact to materialize. I reiterate that the information from the study is derived from the oral report of five informants, three of them from the city of Codó and two from the city of São Luís, so the data will not be treated with generalizations but rather characteristics that show the homosexual scene in Codó-MA in the above-mentioned decades. The analysis of the empirical material was produced from the discussion about homosexuality in works by Brazilian authors, such as Mott (2001), Louro (2004) and Simões & Facchini (2009).

Keywords: Homosexuality. Intersectionality. Life stories. Codó-MA.

“Não existe pecado do lado de baixo do equador
Vamos fazer um pecado rasgado, suado, a todo
vapor
Me deixa ser teu escracho, capacho, teu cacho
Um riacho de amor
Quando é lição de esculacho, olha aí, sai de baixo
Que eu sou professor”

(Chico Buarque)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. DOS HOMOERÓTICOS AO MOVIMENTO GAY ATUAL: NOTAS SOBRE O PERCURSO DO TEMA NO BRASIL, NO MARANHÃO	17
1.1. Homossexualidade no Brasil: implicações para autoaceitação da homossexualidade	22
1.2. A influência do HIV/AIDS na construção da imagem do homossexual	25
1.3. A homossexualidade na realidade do Maranhão	27
2. ENTRE OS DESEJOS E A REALIDADE, A EXPERIÊNCIA DE QUEM SE AUTOIDENTIFICA HOMOSSEXUAL EM CODÓ-MA	30
2.1. Trajetórias de vida: a experiência dos homossexuais em Codó-MA	31
2.2. As múltiplas possibilidades para analisar a interseccionalidade entre a orientação sexual, raça/cor e independência financeira	36
3. NUANCES DA AUTOACEITAÇÃO HOMOSSEXUAL EM CODÓ: OS CASOS DOS ENTREVISTADOS N.O., F.R.N. E W.L.	38
3.1. A homossexualidade no ambiente familiar	39
3.2. A sociedade e as mediações para aceitação das relações homossexuais	42
3.3. A religião e as mediações para autoaceitação dos homossexuais	47
3.4. As implicações financeiras para sua autoaceitação da homossexualidade	49
3.5. O tratamento da homossexualidade na TV e nas outras mídias nas décadas de 1980 e 1990 e as interferências no processo de autoaceitação	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste estudo é descrever e analisar como ocorreu a aceitação pessoal e social do homossexual nas décadas de 1980 e 1990 na cidade de Codó – MA, a partir de relatos de homossexuais que viveram seu período de aceitação na cidade nestas décadas. A escolha principal por esse recorte de vinte anos que delimitarão todo o texto e que embasaram a pesquisa vem em primeiro ponto pelo momento de redemocratização que o Brasil estava passando ao fim da Ditadura Militar, pelo surgimento de diversos grupos voltados à luta social dentro e fora do país e por fim por ser um período possível de encontrar informantes que tem uma certa facilidade em poder descrever as mudanças entre as décadas de 1980 e 1990 e a atualidade.

Meus objetivos dividiram-se em três eixos, o primeiro foi buscar contextualizar historicamente as barreiras pessoais e sociais enfrentadas pelos homossexuais resgatando a linha temporal desde o homoerotismo, passando pelas lutas sobre o orgulho gay até chegar no Brasil, no Maranhão e em Codó-MA nas décadas de 1980 e 1990, o segundo identificar e relatar a experiências de sujeitos homossexuais em Codó-MA que viveram a descoberta de sua orientação sexual nas décadas de 1980 e 1990 e o terceiro que seria detectar a influência da família, da autonomia financeira, da identificação de raça/cor, da religião, do HIV/AIDS e o papel da mídia no debate sobre a homossexualidade à época.

A escolha de Codó – MA como campo de pesquisa se deu por ser um município com população de 120.548 habitantes, de acordo com o IBGE em 2016, localizado a leste do Estado do Maranhão. Mesmo com essas características de um município em crescimento e desenvolvimento, ainda enfrenta as barreiras históricas de ser uma cidade interiorana, onde, de forma imprescindível carrega marcas ligadas à tradição religiosa, como o casamento heterossexual, a criação do sentido de família tradicional como centro de respeito e formação de indivíduo, que, direta ou indiretamente, influenciam na forma como a sociedade codoense trata a temática da homossexualidade.

Por ser homossexual, o despertar para pesquisar sobre essa temática me permite chamar atenção para alguns elementos que considero fundamentais na busca que os homossexuais tiveram por visibilidade e reconhecimento social dentro da cidade de Codó-MA no passado com reflexo na atualidade, especialmente na modificação da noção do que é ser homossexual.

Esta pesquisa tentou responder questionamentos que são inerentes à vivência homossexual num contexto geral e que podem ser percebidos em experiências empíricas menores. Foi buscando caracterizar de que forma a sociedade percebia os homossexuais

nas décadas de 1980 e 1990 que me deparei com as principais barreiras pessoais e sociais enfrentada por eles nesse período. Foram questionamentos que buscaram apurar se houve mudanças no que diz respeito à visibilidade e aceitação do homossexual na família, na religião, no trabalho e na sociedade de forma geral.

Tratar da temática homossexualidade ainda implica enfrentar barreiras. No campo pessoal, recai sobre o medo do preconceito da sociedade como um todo em aceitar o “homossexual assumido”¹. Já na academia as dificuldades recaem sobre a disponibilidade de encontrar e selecionar materiais que sejam reconhecidos e possam ser utilizados como aporte teórico, bem como encontrar relatos empíricos que relatam experiências do passado.

No Brasil a homossexualidade se caracteriza por paradigmas sociais e culturais que estigmatizam os gays que apresentam trejeitos mais delicados, que fogem ao padrão masculino imposto pela sociedade, que tendem a ser tratados com mais preconceito pela aproximação feita com as práticas sociais relacionadas a mulher, que confundem assim orientação sexual com diferenças do gênero. Também colaboram para a sustentação dos preconceitos contra homossexuais o medo relacionado ao HIV/AIDS, pois entre as décadas de 1970 a 1990 o aumento do surgimento de casos de portadores do vírus HIV foi associado diretamente as relações homoafetivas.

No estado do Maranhão, bem como o Município de Codó há reflexos deste contexto, e, os homossexuais desta região não foram tratados de forma diferente. As percepções do preconceito, velado ou não, apresentam características que me permitem apresentar casos específicos que tem reflexo no contexto mais geral da sociedade.

Reforço que a escolha deste tema referente à homossexualidade na cidade de Codó-MA está ligada à escassez de obras² sobre o mesmo, portanto a construção deste estudo tem a intenção de colaborar no preenchimento de lacunas referentes a este debate no campus VII da Universidade Federal do Maranhão.

A carência de debates e as barreiras que tal temática enfrenta na atualidade ocorrem no campo das políticas públicas. A interferência do Estado na forma de percepção dos homossexuais reporta-se ao campo da saúde e não do reconhecimento de

¹ Sucintamente, este é um processo através do qual o sujeito reconhece sua homossexualidade e desenvolve uma identidade baseada nela e revela esta orientação sexual a outras pessoas (sejam familiares, amigos, colegas de trabalho ou estranhos), tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico. (SILVA, 2007)

² Obras acadêmicas que em sua maioria são escassas ou inexistentes e não trabalham a homossexualidade com profundidade, na maioria das vezes são encontradas muitas informações repetidas, incompletas ou sem uma análise profunda.

uma identidade cultural. Dessa forma, a figura do homossexual absorve uma carga negativa de sujeito social desprezível que precisa ser tratada. Minhas investigações apontaram para o fato de que já nas décadas de 1980 e 1990 essa visão começa a se modificar pela mobilização de grupos homossexuais que buscaram pautar debate sobre minorias.

Historicamente a figura do homossexual foi sendo construída como o indivíduo que não se encaixava em modelos de comportamento sexual heteronormativo³, portanto, tornou-se alvo de fantasiosas ideias sobre suas práticas sexuais. O homossexual era visto como o “diferente”, que fugia aos padrões normativos da sociedade da época. Tal como a intervenção das políticas do Estado a mídia teve um papel preponderante para a construção da identidade homossexual ampliando o debate público sobre existência destes grupos minoritários e a necessidade de visibilidade e inclusão dos mesmos nos ambientes sociais, da mesma forma que os estigmatizaram como proliferadores do HIV/AIDS.

Com base nas linhas de pesquisa que tratam do homossexual na atualidade fiz aproximações com as pesquisas do professor Luiz Mott em *A Revolução Homossexual: o poder de um mito* (2001), onde ele descreve a trajetória da homossexualidade, desde os princípios bíblicos onde se encontra a maioria das raízes do preconceito, citando também a Roma Antiga e suas classificações do homoerotismo, pederastia e outras tantas ligadas às relações entre pessoas do mesmo sexo, principalmente os homens. Suas análises direcionam para a atualidade em todos os conceitos e características carregadas historicamente pelo homossexual. A obra coloca a influência dos conceitos históricos na sociedade brasileira da época e que tem reflexos nos dias atuais.

Um dos trabalhos que mais me auxiliaram neste estudo, além dos já citados foi a obra de Júlio Simões e Regina Facchini (2009), onde encontrei, de forma didática, alguns termos bem recorrentes no meio homossexual/gay. Os autores criam uma linha temporal desde 1968 nos Estados Unidos onde ocorreu o estopim que impulsionou o movimento político dos grupos LGBT's de forma geral, além de buscar relatar a forma que os acontecimentos interferiram historicamente em toda a luta homossexual no mundo, incluindo a realidade brasileira.

³ De acordo com Guacira Lopes Louro (2000), nossa sociedade tende a estabelecer características aos seus componentes, historicamente o homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão possui assim a base das características ligadas ao modelo heteronormativo. Todos os que fogem a este padrão são colocados em marcadores diferenciados.

Somaram-se a estas referências diversas outras fontes que vieram sempre a corroborar com o que foi encontrado nos textos supracitados, por exemplo, blogs e sites, como o do Grupo Gay da Bahia – GGB, jornais de circulação nacional nas décadas de 1980, como “O Lampião da Esquina” e diversos artigos que vieram a tratar da marginalização do homossexual, os estigmas carregados por este grupo dentro da sociedade brasileira, até mesmos trabalhos com orientação sociopsicológicas e etnográficas que acrescentaram ainda mais a respeito das influências causadas pela homossexualidade ao ordenamento social e deste à homossexualidade.

No que diz respeito a obras produzidas dentro de Codó-MA não localizei trabalhos acadêmicos que viessem a acrescentar a este, ressalto, porém, que esta busca não foi feita considerando todos os aspectos relacionados à produção bibliográfica sobre a homossexualidade dentro de Codó, mas especificamente relacionando a percepção desta pela sociedade ao longo da história. Enfrentar essa dificuldade me fez sentir o peso da responsabilidade de fazer pesquisa sobre a experiência de vida de sujeitos sociais que se disponibilizaram a expor momentos de suas intimidades com vistas a melhorar a imagem negativa que o homossexual ainda carrega na cidade.

A escolha de abordagem qualitativa veio para melhor aprimoramento da pesquisa. Esta se deve, também, ao fato da necessidade de deixar o pesquisador e entrevistado mais livres, pois nesta forma de abordagem não se faz necessária formas moldadas para se buscar números, como o método quantitativo. Conforme Bresler (2007, p. 16), neste tipo de abordagem o investigador está preocupado com os diferentes significados que ações e eventos adquirem para diferentes pessoas, suas referências, seus valores, prestando atenção às intenções dos indivíduos objeto da investigação.

Portanto, os caminhos metodológicos que orientaram a produção desse trabalho foram organizados a partir de uma pesquisa bibliográfica, cujas intenções, de acordo com Marconi e Lakatos (2007, p. 71), são as de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos e de alguma forma publicadas ou gravadas. A técnica de pesquisa para levantar e coletar informações no campo da realidade empírica foi através do uso das entrevistas semiestruturadas, que segundo Prodanov e Freitas (2013) é quando o entrevistador segue roteiro preestabelecido. Ocorre a partir de um formulário elaborado com antecedência.

As mudanças que pude perceber e relatar nesse estudo só foram passíveis de ser realizadas pelo recurso do método histórico, pois o mesmo foca na investigação de

acontecimentos do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje, assim expõe Prodanov e Freitas (2013).

De forma geral, como coloca Prodanov e Freitas (2013), embora reconhecendo a importância de o pesquisador seguir um método como referência pode-se admitir que o ideal é empregar métodos e não um método, visando ampliar as possibilidades de análise, considerando que não há apenas uma forma capaz de comportar toda complexidade das investigações.

Enfrentei, ao longo desse estudo, algumas dificuldades para selecionar quem seriam meus interlocutores, devido o receio ou medo que manifestaram, em conversas prévias, a respeito do tema da pesquisa. Somente através de amigos em comum cheguei aos cinco informantes que se dispuseram a falar durante as entrevistas previamente agendadas.

Na escolha dos entrevistados, busquei em primeiro plano homossexuais que residem no Município de Codó – MA, desde as décadas de 1980 e 1990, que se auto identificam como homossexuais, assumido ou não, visto que os objetivos iniciais eram tratar da autoaceitação e a visibilidade gay no lugar. Estes dois critérios somados a articulação junto a pessoas conhecidas por mim facilitaram os contatos, a abertura dos diálogos e entrevistas, dado que a complexidade do tema envolve questões da subjetividade do sujeito, requerendo do pesquisador compromisso com a ética para lidar com as informações levantadas.

As entrevistas aconteceram no período entre maio e dezembro do ano de 2016, todas em “locais agradáveis”, por escolha dos entrevistados, onde puderam ficar mais à vontade. A primeira aconteceu em um restaurante, que apesar de ser um local público não trouxe transtornos ou receios no momento dos questionamentos, a segunda entrevista foi feita no escritório que o entrevistado trabalhava, nos dando bastante tempo e espaço para uma conversa tranquila e detalhada, a terceira entrevista aconteceu na casa em que o entrevistado reside, também de forma tranquila e sem percalços, já as duas últimas foram feitas em forma de conferência por áudio e vídeo e troca de mensagens via rede social, devido ao tempo e desencontros no consegui encontra-los em São Luís.

Cabe ressaltar que os entrevistados optaram por não serem identificados durante este trabalho, dessa forma me reportarei a eles como: entrevistado 1 – N.O., entrevistado 2 – F.R.N., entrevistado 3 – W.L., entrevistado 4 – A.M. e entrevistado 5 – F.V.

A organização dos capítulos está orientada da seguinte forma: primeiro capítulo traz um recorte histórico sobre a homossexualidade desde homoerotismo Grego ao

nascimento da luta por visibilidade LGBT que aconteceu em 1968 na cidade de São Francisco nos Estados Unidos. Nesse momento o trabalho traz marcos relacionado à luta homossexual dentro e fora do Brasil, todos os principais fatos de luta e reconhecimento desde 1968, passando pelas décadas de 1980 e 1990 que são os recortes temporais desde trabalho, até os dias atuais.

No segundo capítulo problematizo as informações levantadas durante a pesquisa estabelecendo relação entre o discurso e a realidade de quem se afirma homossexual dentro de Codó-MA, me reportando aos casos dos entrevistados N.O., F.R.N., W.L. A.M. e F.V. no entrelaçamento entre o ser homossexual, sua autoaceitação pessoal, familiar e o peso da independência financeira neste processo e, ainda, as barreiras impostas pela raça/cor para sua aceitação social.

No terceiro capítulo apresento uma análise da autoaceitação da identidade do homossexual codoense aprofundando a dimensão familiar, religiosa, independência financeira, raça/cor e da mídia nas décadas de 1980 e 1990, seguido de minhas considerações.

1. DOS HOMOERÓTICOS AO MOVIMENTO GAY ATUAL: NOTAS SOBRE O PERCURSO DO TEMA NO BRASIL, NO MARANHÃO.

Ao me interessar pela temática homossexualidade, mesmo com algumas leituras prévias feitas até mesmo antes desde trabalho. O que muito se encontra são pequenos blogs ou páginas aleatórias em toda a internet que tratam o tema de forma insipiente, poucas destas trazem uma linha contínua a respeito da homossexualidade fora e dentro do Brasil, tampouco dentro do Maranhão e Codó.

Tratar sobre a homossexualidade no contexto social brasileiro obriga o pesquisador a traçar um plano de pesquisa que parte de estudos que vem de fora do país, assim foi feito por mim a fim de entender a forma que todo o contexto social e político internacional interferem dentro do contexto nacional. Acentuo que no decorrer do primeiro capítulo buscarei retratar a homossexualidade de uma forma mais ampla, a fim de que o contexto codoense não pareça desconectado desse, pois alguns dos conceitos e recortes temporais foram feitos considerando as influências externas na homossexualidade de Codó nas 1980 e 1990.

Busco retratar, em primeiro plano, marcos históricos que venham a interferir bruscamente na noção das relações acima citadas, como por exemplo as mudanças nas denominações que acometeram à atração pelo mesmo sexo. Não me cabe aqui retratar historicamente a homossexualidade desde seus primórdios, desde quando se tinha uma noção dentro das fontes históricas que havia contato ou atração sexual ou erótica entre pessoas do mesmo sexo. Sendo assim, Em linhas específicas, seria a mudança entre os termos com os quais eram identificados, mais especificamente entre os homoeróticos, sodomitas, homossexuais e por fim os gays.

A temática homossexualidade ou temas referentes à mesma poderiam assim ser divididos de acordo com o contexto histórico e temporal que o indivíduo se encontra. Como por exemplo no contexto da Grécia Antiga onde o contato entre homens não trazia reprovação, certo que neste período não havia uma homossexualidade propriamente dita, estes tais atos eram tratados como contatos homoeróticos. Como colocado por Foucault (1984) onde cita que o sexo entre os gregos antigos não era uma forma de classificar o indivíduo, havia a classe dos sodomitas, que neste contexto descrevia o homem que mantinha relação com outro homem sendo eles apenas o ativo durante a relação. Os homens que eram considerados pederastas, sodomitas ou erastas dividiam suas relações

em vezes com as mulheres e os chamados de eromenos ou paidika, que eram rapazes mais novos que mantinham uma relação erótica e amorosa com os mais velhos. Dessa forma não cabe colocar que poderia haver homossexualidade nesta sociedade, havia um amor livre da descrição atual, era mais como uma relação de poder e superioridade do homem mais velho sobre o mais novo, traçando assim uma relação erótica.

O que havia entre os gregos era mais tratada como uma atração erótica, um fetichismo que colocava ao homem a liberdade de se relacionar sexualmente com outro homem, mesmo que esta relação não seja carregada de sentimento ou emoções. Por este fato o termo mais livre seria um homoerotismo. Curioso que este fato tem ligação direta com o costume de repassar o conhecimento de um homem mais velho a um mais novo através do sexo, fato que não trazia proibições. Luís Mott (2001) coloca que a não ser quando o homem mais velho decidia se colocar com passividade no momento da relação, isso era tratado como crime punível com a morte.

Seguindo a análise, é na Idade Média onde o homoerotismo encontrou sua maior barreira, a partir daí o contato sexual ou qualquer relação entre pessoas do mesmo sexo começa a ser tratada como pecado, permitia-se relações sexuais apenas para a reprodução e criação de uma família, qualquer relação que fugisse desta descrição era considerada como errada, onde a condenação para tais atos seria também a morte.

Estas regras fundamentadas pela Igreja na Idade Média se difundiram de tal maneira que qualquer homem que tivesse contato sexual com outro homem sofreria as penas da inquisição.

São Tomás de Aquino fora um dos principais difusores das ideias relacionada à sodomia, ele fora um dos primeiros tradutores dos textos da Bíblia Sagrada e encontrando nela o fundamento para tais punições, recortando pequenos trechos nos manuscritos antigos. (LUIZ MOTT, 2001).

Os dois contextos mudam completamente dentro de um curto espaço de tempo, de um “amor livre” no sentido de não haver regras sobre o sexo, independente se entre sexo igual ou oposto, na Idade Média se transforma em pecado. Este último contexto, o da Idade Média, foi o que mais influenciou as demais linhas históricas, sendo ele ainda tão presente quanto quando surgiu.

Alguns séculos seguintes nos depararemos com o contexto que o homossexual é “inventado” assim como o conhecemos. O contexto social a partir desta época se caracteriza por uma série de revoluções, tanto econômicas, quanto sociais. O surgimento

de ideias mais específicas e liberais a partir do Iluminismo trouxeram uma noção de renovação ao ser social. A divisão do trabalho e poder começa a mudar, com isso a independência e a influência da Igreja sobre o indivíduo.

(...) dar os créditos aos tempos modernos pela invenção do homossexual, não é a mesma coisa que dizer que foi a lógica moderna que inventou a prática sexual e o amor pelo mesmo sexo, visto que é sabido por todos que muitos homens e mulheres já se entregavam a esses prazeres muito antes de qualquer registro histórico. Todavia, tal proposição parte da compreensão de que é na era moderna que se estabelece uma categoria de indivíduos dita como “homossexual” e é essa concepção que nos chega até hoje, notadamente no discurso das instituições sociais ou pela fala e uso que os ditos “homossexuais” fazem ao se apropriar dela. (CARNEIRO, 2013, p. 2).

Temos nos últimos dois séculos uma mudança radical na forma que a sexualidade vem sendo tratada, agora ela passa a receber olhares diversos, seria agora a sexualidade um objeto de estudo da ciência, em especial pelas ciências humanas e da educação, dentre outros campos. Guacira Lopes Louro (2004), complementa que conforme suas perspectivas, ela vem sendo descrita, analisada, compreendida, explicada, regulamentada, saneada, educada e normatizada. Percebe-se assim que a cada dia, até a atualidade, a sexualidade recebe uma carga cada vez maior de vigilância, a cada dia cresce o número de formas de regulação, ampliam-se as formas de regulamentação, multiplicam-se as instituições que se autorizam a criar normas sobre ela.

Controlar a sexualidade deu, ao estado principalmente, certo poder sobre o próprio corpo do indivíduo, este controle vem junto ao conjunto de normas e regras que precisam ser seguidas para que o corpo deste indivíduo se encaixe dentro de determinada sociedade.

Desde seus primórdios a sexualidade vem sendo criada com impasses sobre sua caracterização, principalmente dentro de instituições tradicionais como o Estado e a igreja. A grande barreira hoje, que veio sendo alimentada ao longo da história é a necessidade de tornar a sexualidade algo binário, algo relacionado apenas a um indivíduo XX e outro XY com determina a genética, não se põe em debate as diversas faces acumuladas dentro do termo sexualidade. Ponto este que vem a se agravar quando é notado o despreparo principalmente do Estado, e seus agentes na saúde, educação, etc.

No século XVIII e XIX os discursos sobre sexualidade mudam de foco. Antes o cuidado era apenas com a relação matrimonial ou o convívio familiar para a reprodução, a partir daí se veria muito mais uma sexualidade voltada à sexualidade das crianças e o

prazer dos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo. Fica subtendido que é nesse momento que surge o “homossexual”.

Fica claro, portanto, que é nesse momento que surge o “homossexual” na história, em seu nascimento não há holofotes, nem plumas, nem paetês, o homossexual emerge deste interstício com outro estigma. Ele, assim como qualquer outro perverso sexual, carregava a marca da “loucura moral”, da “neurose genital”, da “aberração do sentido genésico”, da “degenerescência” ou do “desequilíbrio psíquico”. (CARNEIRO, 2013, p. 6)

Em outras palavras, o homossexual é tomado como uma invenção moderna, ou pelo menos o termo homossexual. Durante a linha histórica podemos perceber mudanças significativas na denominação daqueles que amavam pessoas do mesmo sexo, na antiguidade eram homoeróticos, sodomitas e agora na modernidade, com a mudança na percepção de seus comportamentos sexuais, com as significativas mudanças sobre o comportamento sexual humano era notório as formas de atração entre pessoas do mesmo sexo, sendo isso logo transposto de um comportamento meramente erótico para um comportamento sexual não aceitável pelas instituições sociais, como o Estado, a igreja, a família. A mudança direta entre homoerótico e homossexual aparece como tentativa de enquadramento desse sujeito por parte destas instituições sociais que passam a rechaçar e a desenvolver mecanismos de controle e de punição desses sujeitos.

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações amorosas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas como sodomia [...], tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido. Categorizado e nomeado como desvio da norma, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação – um lugar incômodo para permanecer. (LOURO, 2004, p. 29)

Homossexual mesmo como termo moderno pode ser descrito dentro da temporalidade, pois foi criado e desenvolvido já no século XVIII e XIX, historicamente na modernidade. Momento em que o mundo experimentava as mudanças para uma sociedade em desenvolvimento.

O termo homossexualidade ainda veio precedido pelo termo “homossexualismo”, ligando o prefixo *ismo* a doença ou transtorno mental. Precedido ou até mesmo usado em comum, de forma que a condição sexual destes ditos indivíduos era ligada ainda à transtornos e doenças, sendo o “homossexualismo” inserido na lista de enfermidade da Organização Mundial da Saúde – OMS, a partir de 1977 e retirada desta mesma lista em

1990. O termo *ismo* foi colocado como sinônimo de doença ou patologia afim de reunir sobre o “homossexualismo” qualquer transgressão normal das regras sexuais.

Esta mudança na denominação do homossexual implicou na imposição de diversas características que o marcaria durante vários anos, algumas até hoje, como o fato de ligar sua condição a transtorno psicológico ou mental, em alguns casos ainda tratar a homossexualidade como doença ou pecado.

Dito isso, torna-se possível tomar o homossexual como o objetivo dessa pesquisa, pois agora o homem que tem relação com outro homem não é necessariamente visto como um doente mental, pecador ou criminoso. Esta forma de ligação erótica e sexual entre pessoas do mesmo sexo, mesmo que por muitos ainda não aceita, permite formular uma nova ideia de relação, de comportamento e de vivência.

As principais barreiras colocadas aos homossexuais vieram logo após a nova descrição destes, ainda no século XIX. Nesse período histórico um tipo de força tarefa política formada por pequenos grupos políticos independentes da Europa e dos Estados Unidos já se forma a fim de retirar o termo homossexual ou homossexualidade da lista de crimes puníveis com prisão ou reclusão e também se travam as primeiras lutas no que diz respeito à retirada desses termos da lista de enfermidade, lutas estas que vieram a se intensificar principalmente no século XX. Estas primeiras lutas emergiram na Europa até a década de 1920 e foram mobilizadas por estes grupos supracitados, em sua maioria grupos de amigos que, apesar da repressão não evitaram demonstrar sua orientação sexual.

Em 1948 surgiram as primeiras publicações no âmbito da saúde, algumas advindas das universidades europeias e americanas, sobre o comportamento sexual, as quais demonstravam que as experiências homossexuais tinham incidência muito mais frequente e não estavam restritas a um único seguimento da população. Nos anos que se seguiram surgiram nos Estados Unidos uma nova redefinição de movimento homossexual, caracterizada principalmente pelo comportamento adotado por alguns seguimentos mais jovens, retrato oposto aos primeiros movimentos gays norte-americanos que traziam uma característica mais dura e controladora. A influência dessa revolução dentro do próprio movimento homossexual veio entre 1950 e 1960 com movimentos recém surgidos que buscavam uma liberdade política maior.

O cenário homossexual veio a mudar em 1969 com um acontecimento registrado em um bar conhecido como Stonewall Inn, local frequentado por vários homossexuais e que ficava localizado na Christopher Street na cidade de São Francisco nos Estados

Unidos, rua da região boemia que era conhecida pelos frequentadores gays. Na noite do dia 28 de junho de 1969 a polícia de Nova York, na tentativa de interditar o citado bar se deparou com uma reação nada convencional por parte dos que estavam no local, nesse momento foi travada uma batalha entre os policiais e os frequentadores, onde as principais armas eram pedras e garrafas, ou qualquer objeto que pudesse ser usado para se proteger ou arremessar contra a polícia. O acontecimento de Stonewall se fixou como um marco do surgimento do Poder Gay, 28 de junho passou a ser conhecido como o Dia do Orgulho Gay e Lésbico.

O fato ocorrido em Stonewall deixou de ser um acontecimento isolado e veio a se tornar um marco na visibilidade homossexual com repercussão no mundo inteiro. Onde havia medo e repressão contra esses sujeitos, o amor que não poderia ser nomeado agora começava a ser reconhecido.

O impulso radical que dele decorreu pretendia abalar a visão de que o homossexual fosse uma condição peculiar de uma minoria. Seus portavozes sinalizavam o fim da homossexualidade e das divisões estabelecidas entre os sujeitos sexuais. Para estes, “ser gay” deveria ser completamente diferente de “ser homossexual”. Não dizia respeito a uma preferência ou orientação sexual determinada, mas equivalia, antes, a um modo de vida eroticamente subversivo. (SIMÕES E FACCHINI, 2009, p. 45)

A principal implicância desse momento foi a criação de uma nova identidade que transformaria o homossexual em um ser político e politizado, homossexualidade que antes era ligada ao comportamento que transgredia a sexualidade heteronormativa agora era tratada como um movimento político que dava voz a este grupo, que não queria mais ser comparado ao perverso sexual proliferador de doenças sexualmente transmissíveis, mas sim a um grupo que buscava sua própria identidade e poder. Momento este que se assemelhou em muitos pontos aos movimentos negros e feministas, no sentido de luta social, visto que tais grupos possuíam um histórico de luta mais antigos, a prática social de luta dos grupos gays começariam a tomar uma densidade marcante como os já existentes movimentos negros e feministas.

1.1. Homossexualidade no Brasil: implicações para autoaceitação da homossexualidade.

Em linhas gerais, a homossexualidade no território brasileiro tem a influência dos movimentos estrangeiros identificados como os movimentos criados dentro dos grupos

Lésbicos, Gays, Bissexuais e Transexuais - LGBT's. Grande parte das mudanças aconteceram ainda no decorrer do século XX com encaixes na crescente urbanização dos grandes centros populacionais, na industrialização crescente, que modificam as formas de relação pessoal e social. A tomada dos espaços, como praças, ruas, parques, pelo seguimento homossexual e LGBT, intensificou-se nos anos 1970, quando surgiram grupos organizados nas cidades de São Francisco e Nova York nos Estados Unidos.

O processo de urbanização no Brasil aconteceu em um curto período de tempo, criando uma teia de relações onde o comportamento masculino e feminino foi se modificando, o público se confunde com o privado. Nesse sentido é possível afirmar que a família perde a centralidade nas relações, pois seus componentes passam mais tempo junto a outros indivíduos que dentro da própria casa. Esta discussão vem a ser colocada por Rafael de Souza (2013) em seu trabalho sobre o movimento homossexual brasileiro.

Todas estas mudanças aconteceram no período de redemocratização brasileira, momento este que no país ferviam revoluções, debates, empoderamento de grupos oprimidos, mobilizados principalmente por homens e mulheres que se auto identificavam como gays. Destes grupos os que vieram a ter mais visibilidade e força foi o grupo Somos na cidade de São Paulo, formado em 1978 por um grupo de cerca de quinze homens que buscavam discutir sua sexualidade a partir de sua própria vivencia. Em seu início uma das principais preocupações era o engajamento de outros grupos de minorias. Concomitante, começaram a se formar outros grupos, em diversas cidades, cada um com suas ideias e pautas reivindicatórias específicas, porém em comum, o desejo da autoaceitação pessoal, familiar, etc.

Cabe ressaltar que, mesmo a família perdendo a centralidade das relações sociais, o núcleo familiar ainda se configura como centro das relações afetivas e financeiras. Mesmo havendo por parte do Estado a promoção de serviços básicos na área de educação, saúde e geração de renda, prestados à população de forma indistinta, cabe à família orientar e influenciar seus membros sobre sexo, de acordo com os valores religiosos e culturais os quais está vinculada. Por considerar estes elementos minha discussão aponta para a constatação de que a autoaceitação da homossexualidade está diretamente relacionada as formas como a família, a igreja e o próprio gay lidam com essa temática. Também é notório que a autonomia ou a dependência financeira dos gays influencia tanto nas formas de visibilidade como de aceitação dos mesmos no ambiente social, visto que o público LGBT, por exemplo, despertou interesses do mercado capitalista.

Como o aumento da visibilidade homossexual está ligada a uma convivência maior fora da família, os sujeitos ocupam os espaços comunitários, que podem ser tanto em espaços públicos (praças, parques, praias, etc.) quanto estabelecimentos comerciais (casas noturnas, clubes, por exemplo). Esses estabelecimentos foram constituindo o que se chamou de pink economy (economia rosa), ou seja, uma parcela específica do mercado consumidor a ser explorado pela lógica capitalista. (MARSIAJ, 2003).

O preconceito histórico que acompanha indivíduos marcados por diferenças de raça/cor, classe e sexo, que tem implicações no sistema de discriminação social tende a empurrar parcela significativa da sociedade brasileira para a marginalidade. A repressão sofrida por indivíduos que acumulam tais marcadores faz com que atos de repressão os tenham como alvo.

Nas últimas décadas o movimento homossexual brasileiro tem adotado uma postura de enfrentamento a negação e a discriminação dos gays. Segundo Simões e Facchini (2009) uma série de grupos organizados e politizados buscam pautar no debate público os diversos temas relacionados a comunidade gay, como o Grupo Gay da Bahia – GGB, que se tornou ícone nacional por suas lutas a favor dos homossexuais e também o grupo Somos em São Paulo que trazia em suas pautas vários debates a respeito de políticas para os homossexuais brasileiros.

A princípio as discussões sobre a homossexualidade no Brasil deixam de ser feitas nos “guetos” e passam a ocupar o debate público quando o Estado através de suas instituições como a escola e o parlamento, somados as ações da própria igreja e dos movimentos sociais, passam a discutir e reconsiderar, especialmente no campo do direito, com as políticas públicas à composição da família e de seu papel no interior da sociedade.

Os grupos homossexuais, em especial os grêmios estudantis, grupos ligados aos movimentos sociais populares, grupos que se tornaram marco para o debate sobre a homossexualidade, na década de 1980 a de 1990 como os do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco, que foram os primeiros a despontarem no cenário nacional, passaram a ocupar os espaços públicos e políticos, como no caso do legislativo, onde vem crescendo o apoio e a força aos movimentos LGBT’s, pela representação parlamentar dos mesmos. Quando se tem um membro dos grupos homossexuais inserido no parlamento, por exemplo, torna-se mais viável, simbolicamente, a construção da identidade gay e a sustentação das especificidades de suas reivindicações.

Ressalto ainda a importância dessas representações e todos os avanços trazidos por elas, principalmente em um momento delicado de enfrentamento entre grupos sociais

que buscam representação e forças conservadoras que tendem a impedir os avanços de tais movimentos. Há avanços importantes desde o fim da Ditadura Militar, mas a cada dia há sempre um sinal de retrocesso que atinge os grupos de forma violenta, em todos os grupos minoritários há essa ameaça.

De forma geral para pensar a aceitação social dos homossexuais é necessário considerar a influência que a AIDS teve sobre a composição da imagem destes grupos perante a opinião pública, pois em um dado momento da construção da identidade homossexual esta síndrome veio a influenciar na forma como estes homossexuais eram vistos.

1.2. A influência do HIV/AIDS na construção da imagem do homossexual.

A partir de 1980 o meio homossexual começa a enfrentar um de seus piores inimigos. Inimigo este que poderia ter nascido assim em qualquer meio, hétero ou homossexual, mas foi nele que se popularizou, evoluiu, atingiu e matou vários. Era uma praga silenciosa que destruía o corpo de dentro para fora, destruía todos e tudo ao seu redor. Surgia assim a AIDS. O HIV/AIDS vem da sigla inglesa que denomina a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

Já em 1981 um grupo de oito jovens de Nova York foram diagnosticados com sarcoma de Kaposi, um tipo de câncer de pele comum entre os idosos, já em São Francisco e Los Angeles outros cinco homens homossexuais adquiriam uma forma rara de pneumonia. Estes casos tinham em comum a destruição do sistema imunológico causada por algo que já estava a ser estudada nos Estados Unidos e que atingia principalmente homens homossexuais. (LIMA, 1983. p. 10)

Neste período a homossexualidade volta ao topo das discussões da sociedade por esta diretamente associada ao grupo de risco proliferador da doença. A “peste gay” como ficou popularmente conhecida a AIDS foi um golpe na construção da identidade dos gays, pois a discriminação e não aceitação dos homossexuais persistiu dentro da sociedade, mesmo posterior a comprovação de que o vírus poderia contagiar qualquer pessoa de qualquer sexo ou idade através de contato com fluidos contaminados.

Todos os debates acerca do HIV/AIDS vieram a trazer um novo rumo ao tema da saúde sexual. O uso de preservativos, as diversas formas do sexo (anal, vaginal, oral), passaram a ser abordadas num diálogo público mais aberto, com ampla participação da sociedade, onde as diversas instituições sociais, como as da área de saúde e educação

colaboraram com o processo de desconstrução da criminalização do gay por este problema de saúde. Por outro lado, setores da “imprensa” implantavam o pânico social, inclusive dentro da própria comunidade homossexual, que voltou a negar suas práticas sexuais em detrimento de uma suposta aceitação social, em especial aceitação da família, inserção no mercado de trabalho e pela fé religiosa. Isso também fez com que a indústria farmacêutica lucrasse com a venda de “coquetéis de medicamentos” que prometiam a cura.

No Brasil um surto de mononucleose⁴, enfermidade comum em nosso território, veio a assustar a população, principalmente pela insegurança dos diagnósticos dos médicos. Logo, foi considerada a peste gay.

Em maio de 1983, o Centro Médico de Montefiore, de Nova Iorque, chegava à conclusão de que a doença, enfermidade, não era exclusiva de homossexuais. A peste gay finalmente começava a ser desmitificada, porque, na realidade, nunca tinha sido peste alguma nem tampouco enfermidade particular de gay. (LIMA, 1983. p. 12)

As controvérsias e debates a respeito do HIV e da AIDS reuniram uma massa significativamente grande dentro do ativismo homossexual, neste momento o que se viu foi um agrupamento denso de pessoas que lutaram em prol de uma libertação do estigma da peste gay, até mesmo com campanhas de arrecadação financeira com vistas a financiar pesquisas relacionadas às enfermidades e ao vírus.

Grosso modo, posso afirmar que a AIDS veio a contribuir com a organização de grupos de homossexuais mais fortes e unidos, por utilizar situações adversas como instrumento de visibilidade e de respeito para com as individualidades sexuais do sujeito. O ativismo gay se reconstruiu de forma a desvincular a homossexualidade de qualquer patologia, buscando mostrar formas legítimas e possíveis de vida.

Reitero que havia assim uma dualidade no sentido de como o HIV/AIDS veio a influenciar a vida dos grupos homossexuais, na medida que eram estigmatizados como possuídos da peste intensificaram-se as mobilizações por meio destes grupos junto ao estado para reivindicar políticas públicas de enfrentamento ao preconceito.

⁴ De acordo com a OMS (2017) a Mononucleose é uma doença causada pelo vírus de Epstein-Barr. Esse vírus invade as células que revestem o nariz e a garganta, afetando os linfócitos B que são os glóbulos brancos responsáveis pela produção de anticorpos.

1.3. A homossexualidade na realidade do Maranhão

Falar sobre homossexualidade ainda é um tabu, no Maranhão não seria diferente. O reflexo da produção a respeito da homossexualidade ou do movimento homossexual dentro do Maranhão pode ser considerados como vestígios dos anos de movimentação política dos gays no âmbito nacional e internacional, ocorrido ainda nas primeiras décadas do século XXI. Os meios de comunicação tiveram papel preponderante no acesso mais livre e rápido a informação sobre o tema, visto que não há vasta produção acadêmica sobre o mesmo que possam subsidiar novos estudos.

Desta forma a estratégia que utilizei foi buscar informações na realidade empírica através de dois informantes, os senhores A.M. e F.V., que me ajudaram com o suas memórias enquanto homossexuais que viveram no Estado do Maranhão nas décadas de 1980 e 1990. Para assim analisar tais dados à luz do material bibliográfico que embasa este trabalho de pesquisa.

Sobre o cenário maranhense apresentado pelo entrevistado A.M. em relação ao comportamento homossexual, o mesmo me descreve que a discriminação estava sempre acompanhada de uma série de outros preconceitos, desde o fato de não poder se relacionar de forma direta com um homossexual, no sentido de criar laços de amizade, até a proibição de manter um diálogo com estes.

Segundo ele o tratamento ainda vai mais além que as proibições citadas acima. O que havia era uma barreira gigantesca na aceitação dos homossexuais, como ele mesmo coloca:

Lógico que nessa época tinha muita discriminação, “curra⁵”, batida, até morte a gente sabia, sabia que encontraram um morto. Da mesma forma que ainda existe por aqui. Mas naquela época, digamos, eram mais perseguidos.⁶

Sobre a discriminação pessoal que entrevistado sofreu, ele descreve um momento de sua vida pelo qual passou pelo seminário católico e lá descobriu ainda mais sua orientação sexual e por este fato foi expulso deste seminário, perdeu o emprego que tinha junto à diocese e ainda sentiu-se coagido a ficar em silêncio durante vários anos por medo de sofrer alguma represaria.

⁵ Curra é uma gíria comumente usada em algumas partes do Brasil, no caso na capital maranhense para descrever agressão física de forma geral.

⁶ A.M., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. São Luís-Maranhão. 2017.

Essa pra mim foi a maior discriminação, eu perdi o seminário, perdi o emprego que eu tinha na diocese, na época eu trabalhava na escola que hoje é o colégio diocesano, fui mandado embora, logico que com todos os direitos pagos, mas era tipo um “cala a boca”.⁷

Por outro lado ele detalha que sua maior fonte de aceitação foi sua própria família. Para o entrevistado A.M., “as pessoas que mais fizeram com que me aceitassem foi minha própria família, por não ter sido coagido”. Uma forma bem branda de se sentir mais seguro sobre sua autoaceitação.

Justificando o que foi dito acima ainda coloco as palavras do segundo entrevistado, o senhor F.V. que também olhou o meio social como ameaça ao homossexual, principalmente ao assumido. De forma geral ele coloca que tabu sobre a sexualidade sempre esteve presente, certo que mais forte que nos dias atuais, mas criava marcas em toda a sociedade.

Nesse período a homossexualidade era velada e até mesmo falar sobre o tema era (e ainda é hoje) um tabu. Falar de sexo ou de desejos sexuais era algo que tinham que ser ditos de uma forma contida, pra se calar. Era vergonhoso e temeroso falar sobre a homossexualidade e muitos eram os mecanismos de controle e repressão dos sujeitos qualificados como homossexuais (discursos midiáticos, religiosos, jurídicos, médicos, etc).⁸

Aqui se colocam os discursos de controle que já foram e alguns ainda serão debatidos com mais detalhes adiante. Mas é visível a noção que o controle da religião, do meio político, discursos médicos e midiáticos sempre tiveram sobre a vida dos homossexuais.

Segundo o Entrevistado F.V. os movimentos homossexuais, dentro da cidade de São Luís, mais especificamente, se resumiam às paradas gays que serviam como ponto de visibilidade dos homossexuais na época, uma forma de mostrarem que estavam presentes naquele meio social.

Sim, participei algumas vezes da parada gay de São Luís. Eram promovidas pelo grupo Gayvota e não sei se até hoje ainda é o mesmo responsável pelo movimento. Aconteciam na orla da praia na Avenida Litorânea. Acho importante a realização deste evento como uma forma de visibilizar a comunidade LGBT, no entanto, percebo a parada gay hoje como um movimento muito alegórico, de festejo, de celebração da diversidade.⁹

⁷ Idem.

⁸ F.V., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. São Luís-Maranhão. 2017.

⁹ Idem.

A importância destes acontecimentos é inegável e a crítica feita sobre os rumos que estes tomaram durante o tempo também, assim como colocado na crítica pessoal do entrevistado o fato de muitos participarem destas movimentações sem um objetivo político. Fato ainda reiterado,

eu sinceramente não creio que eles me representem, infelizmente essa é minha mentalidade devido ter visto tanta coisa, por exemplo essas paradas Gays que vão com depravação com bebedeira, com droga, mostrando o corpo.¹⁰

O HIV/AIDS desde sua descoberta sempre foi um fantasma na vida e na história dos homossexuais, mesmo que a grande maioria não possua o vírus ou a síndrome. O estigma sempre vem como algo que julga todos os homossexuais. No Maranhão isso não foi diferente, os homossexuais entrevistados colocaram que sempre acharam absurdamente desnecessária esta ligação.

Quanto a essa vinculação de AIDS e gays, eu sempre vi com uma aberração, não tem nada haver. Hoje eu posso te dizer que convivo com esse meio de pessoas com AIDS e vejo que encontro mais héteros, seja masculino ou feminino, que o próprio gay. Logico que no início eu fiquei com medo por que todo mundo dizia que era a praga gay, mas realmente no início me assustou. Hoje não, por que não vejo uma coisa com a outra. Muitos usam isso como bandeira de discriminação, de amedrontar as pessoas dizendo que o gay é portador da praga que é a AIDS, não tem nada haver uma coisa com a outra. É apenas um subterfugio que eles usam pra atingir a classe homoafetiva.¹¹

O uso da vinculação do HIV/AIDS aos homossexuais ainda é uma justificativa para o preconceito, mesmo já sendo comprovado que não é algo ligado apenas aos homossexuais, como ele ressalta que conhece mais heterossexuais portadores do vírus do que homossexuais. Segundo a Secretaria Estadual da Saúde de Sergipe (2016) desde os anos 90, a contaminação heterossexual se tornou a principal forma de disseminação da doença no Brasil, com um salto no número de casos de 43% para 62% só entre os anos de 1996 e 2006.

No que tange esta parte do meu estudo o que noto é uma sutil diferença entre o cenário nacional e o estadual. As faces dos preconceitos sempre estiveram presentes, antes mais fortes que agora, mas muito se conseguiu avançar e muito precisa ser alcançado. O que será colocado no restante desta pesquisa justificará que no Estado do

¹⁰ A.M., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. São Luís-Maranhão. 2017

¹¹ Idem.

Maranhão, a exemplo da cidade de Codó, as trajetórias de vida são permeadas pelos mesmos preconceitos.

2. ENTRE OS DESEJOS E A REALIDADE, A EXPERIÊNCIA DE QUEM SE AUTOIDENTIFICA HOMOSSEXUAL EM CODÓ-MA.

Neste capítulo tratarei das questões de como os sujeitos da pesquisa manifestaram a autoaceitação da condição da sua homossexualidade buscando estabelecer uma relação com a sua identidade de raça/cor, a aceitação familiar e religiosa e sua autonomia financeira. Serão explicitados como estes elementos tem implicação sobre as estruturas de poder. Neste momento busco analisar à luz do conceito de interseccionalidade as implicações sobre estas quatro formas de estruturação do poder.

Durante as entrevistas os relatos apresentados pelos informantes sobre a “saída do armário¹²” me possibilitaram perceber e sistematizar os aspectos mais gerais de quem passou por esta experiência durante as décadas de 1980 e 1990, como também as particularidades do ato de assumir-se homossexual. Ressaltando outra vez que, por ser um estudo direcionado a uma mesma cidade e homossexuais que nela viveram ou vivem, alguns pontos são entrelaçados, afinal a sociedade era a mesma para os três entrevistados, com alguns ambientes sociais comuns, o que difere são os detalhes na forma como se identificam a partir de opções individualizadas no campo da vida pessoal de cada um e seus olhares para o meio que viviam.

O conceito de interseccionalidade colocado nesta parte do trabalho foi assim cunhado por Kimberlé Williams Crenshaw em 1991 em seus estudos sobre a violência vivida por mulheres negras e de classes desfavorecidas dos Estados Unidos. Interseccionalidade é um conceito sociológico que colabora no entendimento das diversas formas de poder, seria este conceito a explicação para as diversas camadas que compõe o indivíduo, camadas no sentido de estruturação social que atuam sobre o mesmo, seria o termo que faria a junção entre estas diversas estruturas que por vezes são tratadas de forma independente, mas que podem ser percebidas em um único indivíduo.

¹² Termo muito usado no meio homossexual que descreve o momento que o homossexual assume sua orientação sexual.

Estes argumentos se encaixaram no momento em que os sujeitos da pesquisa relataram ser homossexuais, negros e terem suas vidas marcadas pela pobreza no momento que se assumiram. Um mesmo sujeito vivencia suas experiências dentro de várias estruturas de poder, por exemplo o entrevistado N.O. que se declarou pobre, negro, morador periférico, sofreu as influências diretas da igreja e era um homossexual não assumido. Nota-se assim uma série de estruturas sociais de poder agindo em um único indivíduo, este seria o caso de considerarmos que estas estruturas de poder agem de forma diferenciada com os indivíduos, ou seja, de acordo com sua orientação sexual, raça/cor, família e condição financeira.

2.1. Trajetórias de vida: a experiência dos homossexuais em Codó-MA

Este tópico apresenta uma descrição dos casos dos três entrevistados para melhor localização e apresentação dos mesmos. Momento este que também colocarei a maneira que sua aceitação aconteceu e quais os fatores que influenciaram-nos a tomar esta decisão pessoal e que recebeu, ou não, a influência familiar e financeira, além da sua identidade de cor. Os casos serão divididos por entrevistado afim de melhor estruturação do trabalho.

O primeiro entrevistado, o senhor N.O., nasceu em Bacabal – MA no ano de 1962, se auto identifica como homossexual e negro. Em termos de escolarização tem nível superior e trabalha como contador.

Na entrevista, ao ser questionado sobre sua experiência de aceitação, de acordo com suas próprias memórias, ele me descreveu como algo que estava relacionado à família no primeiro momento e que isto refletiria no meio social geral. O mesmo colocou que nunca assumiu-se diretamente à sua família. Na sua percepção havia um certo questionamento por parte da mesma sobre sua sexualidade.

Rapaz você já está com essa idade e nunca casou? Então, de certa forma eles já... E aí não sei se alguns trejeitos que não deixa de ter. E aí meu pai chegava para mim: e aí? Tu não vai namorar não? Eu dizia: pai, na hora que eu achar que devo fazer eu vou fazer. Uma vez ele falou pra mim: mas tu vai namorar mesmo é com homem ou com mulher? Ele falou para mim dessa forma. Então eu já vi que realmente ele já tinha uma ideia formalizada a meu respeito. Isso com meus 18 anos, lá em 1982.¹³

¹³ N.O., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016

A primeira questão que vem é a de pressão pessoal da família para uma definição da sexualidade, porém a aceitação não veio de forma direta ou explícita, tudo pareceu ser muito velado, por vezes, o ato de manter-se calado, era uma escolha pessoal que o próprio entrevistado fazia. Os diversos questionamentos alimentavam a angústia do indivíduo impulsionando-o para uma definição de sua sexualidade.

Ao tratar das influências que se somam a sua aceitação, o entrevistado N.O. foi bem direto:

Eu fui abusado sexualmente. Eu tinha um primo que era padre que... Eu não sei se isso não tivesse acontecido não sei se eu estaria aqui falando com você sobre minha sexualidade. Eu acho que isso influenciou. Também recorri à questão de ser padre, era minha fuga. Por causa da família, da sociedade, medo de passar por preconceitos. Mas nunca cheguei a valar publicamente que eu era gay. Quando eu chegava nos lugares alguns apontavam para mim e diziam: olha aquele ali é gay. Eu nunca me baseei em ninguém.¹⁴

Um momento delicado é o fato dele declarar abertamente que foi abusado por alguém próximo e que essa seria a primeira influência para o mesmo se perceber homossexual. Outro ponto em destaque é o fato de recorrer ao celibatário para esconder sua sexualidade, o que demonstra como as questões religiosas tem um poder preponderante sobre as formas de manifestação da sexualidade humana, pois desde a antiguidade a doutrina da igreja busca esse controle sobre o corpo e sobre a forma de usá-lo. Segundo Marco Aurélio D'êça (2013) a exigência do celibato para sacerdotes funcionaria como uma espécie de “armário”, atraindo jovens que encontrariam neste tipo de cortina de fumaça, uma forma de esconder sua condição sexual. Tudo isso fruto também da cultura cristã impregnada na sociedade, que disseminou a equivocada ideia de que ser gay é estar no pecado e distantes dos desígnios de Deus. Protegidos pela batina e pelo celibato, os jovens conseguem esconder sua condição da pressão familiar e social.

Já o entrevistado F.R.N. nascido em Codó – MA em 1984 também se auto declara homossexual e negro. Ao questiona-lo sobre sua experiência pessoal de aceitação e sobre a aceitação familiar e social ele descreve como um momento de conflito.

Todo mundo gosta de mulher e eu não. Chega a certa idade que a pessoa não sabe nem o que ela é de fato lá entre os 10 ou 14 anos, é uma fase de se descobrir. Mas assim, eu tive essa dúvida, acho que como todo mundo teve e eu tive aquela ideia de namorar mulher por que eu achava

¹⁴ N.O., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

que isso era correto, que eu sempre aprendi que o correto é homem e mulher, mulher e homem.¹⁵

Nesse caso uma das fugas seria “enquadrar-se” dentro do modelo social heteronormativo, modelos este que,

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual. (LOURO, 2000)

Fato que é justificado pelo próprio entrevistado quando cita o modelo que foi imposto à ele, o modelo heteronormativo citado por Guacira Lopes Louro (2000) como o correto, como socialmente aceitável, cujo oposto a este modelo o transformaria em algo errado.

Fui me redescobindo aos poucos, achando meio estranho aquilo tudo e tentando ser uma coisa que eu não era, que de fato eu sou homossexual. E eu não aceitava ser homossexual por que eu aprendi que o correto era ser hétero, mas foi todo um processo. Ai fui me redescobindo e me assumindo. Eu também não desisti de me assumir, não fui embora, não fugi, eu encarei e hoje todo mundo se conformou. Já namorei com pessoas, namoro com homem e estou vivendo.¹⁶

Ao descrever sua influência de aceitação ressalta o fato de ter um amigo que já havia passado por tudo aquilo e que se colocara a disposição para ajudá-lo. O ponto de apoio em seu momento de autoaceitação recebe influências de um agente exterior, no caso seu amigo. Estas influencias externas colaboraram para o amadurecimento da aceitação pessoal do entrevistado. O que demonstra momento muito importante e delicado de uma relação de amizade entre homossexuais, pois manifesta a confiança mutua um no outro. Ter um apoio sentimental, como no caso o de um amigo, corrobora para minimizar os efeitos da repressão familiar e social, um ou um grupo de amigos amenizam o sentimento da solidão.

Eve Kosofsky Sedgwick quando escreve a epistemologia do armário de 1993 já coloca esta noção de inter-relação entre os assumidamente homossexuais e os que estão descobrindo sua sexualidade, para ela, mesmo num nível individual, ou até entre as

¹⁵ F.R.N., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

¹⁶ F.R.N. entrevista citada.

peças assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja próximo a elas. Neste momento a autora justifica o companheirismo presente entre os homossexuais assumidos e entre os que já se assumiram e que estão no momento de autoaceitação.

O último entrevistado, senhor W.L., nasceu em 1977, se auto declara homossexual e negro. É militante em um grupo gay codoense o qual coordena, segundo o mesmo, este grupo nasceu no ano de 2008/2009 com o intuito de organizar seminários e paradas relacionadas à diversidade LGBT em Codó – MA.

Este caso é um pouco peculiar por ser o último dos informantes a se assumir e o fazer publicamente, mesmo que não nas décadas de 1980 ou 1990, mas tendo descoberto sua orientação sexual nestas décadas, e, pelo peso que atribui a autonomia financeira, como condição para assumir-se publicamente gay.

W.L. trás consigo marcas em comum com os demais entrevistados, a primeira barreira seria o medo familiar, somado ainda a dependência financeira. Sua descrição de aceitação se deu desta forma:

Eu assumi minha sexualidade aos 28 anos, vivi enclausurado, sofrendo com dupla vida até os 28 anos, mas a partir do momento que eu comecei a trabalhar a primeira coisa que eu fiz para mim foi comprar uma casa, a segunda coisa foi me assumir. Foi difícil por que eu precisava da minha vida em sua plenitude, mas precisava respeitar a minha família e precisava manter o meu emprego. Então, no início dos anos 90 não foi nada fácil, nada fácil. E na minha família propriamente dita eu nunca tive problemas, mas já tive no trabalho, já tive na rua. E me aceitar não era o problema não. Eu já sei o que eu era desde os 9 anos, do meu olhar diferente para os homens, minhas melhores amigas eram as meninas, enfim, mas saber o que eu queria eu sempre soube, só que eu tive que obedecer uma porrada de regras impostas pela sociedade, de forma que eu me violentei até meus 28 anos.¹⁷

Sobre sua influência de aceitação o mesmo relatou detalhes sobre como era sua permanência “dentro do armário”.

Eu vou falar da entrada primeiro. Se eu fosse atribuir alguém o fato de eu ser homossexual, eu atribuiria a meu pai. Meu pai era tão ruim, tão ruim, a ponto de bater em minha mãe na minha frente, faltar comida dentro de casa, que eu queria ser o inverso dele. Se ele gostava de água eu não gostava, se ele gostava do dia eu gostava da noite, se ele dizia que gostava de carne de porco a partir dali eu odiava carne de porco. Então tudo que ele queria ser ou que ele era eu queria ser o contrário.

¹⁷ W.L., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

Naturalmente ele era macho, gostava de mulher e eu o inverso. Enfim, foi minha entrada.¹⁸

A ligação direta com a influência paterna trouxe a ele uma forma de repulsa aos atos de seu pai. Essa seria a colocação feita por ele para justificar o fato de permanecer escondido.

Minha “saída do armário” ninguém influenciou não, minha independência financeira como todos os gays que eu conheço. Em 2007 eu comprei minha primeira casa e pronto. Eu simplesmente não cheguei assim e disse: mamãe eu vou morar só, eu sou gay, desculpa, vou morar só para não dar trabalho para ninguém. Não houve isso. Simplesmente eu comprei uma casa e fui para lá, levei minhas coisas, a princípio mamãe não foi, mas dois meses ela foi morar comigo. Mas não houve a influência de alguém, de um amigo, não, não houve.¹⁹

De forma geral, com esses três relatos é possível ter uma breve noção de como ocorriam os dilemas relacionados a autoaceitação homossexual nestas décadas.

Entre as diferenças, o entrevistado N.O. é mais velho, sofreu muito mais a repressão familiar, foi abusado e isso, segundo ele, o teria levado a ser homossexual, o outro, F.R.N. teve uma aceitação mais branda, pelo fato de aceitar individualmente sua sexualidade e assim torna-la pública, o último, entrevistado W.L. sofreu uma pressão psicológica levando-o a ser o oposto do modelo heteronormativo familiar calcada na autoridade do pai, o que o levou a buscar ser o oposto do pai, se o pai era hétero, ele tornou-se o oposto, isso sendo explicado por ele mesmo e não à luz de estudos psicanalíticos ou psicológicos que não são o objetivo deste estudo.

Quanto as semelhanças ou aproximações são inegáveis. A primeira está ligada às relações familiares como estrutura de poder que funciona como aparelho de repressão e medo.

A dificuldade da família e de alguns homens aceitarem a própria orientação sexual está inserida em um contexto de relações imersas em crenças, tabus e construções sociais que devem ser vistas conjuntamente. Para compreender o homem com orientação homossexual, e resignificar eventuais conflitos familiares e dificuldades com relação à aceitação da homossexualidade, faz-se necessário ampliar o foco de visão. (SILVA. Et al. 2014)

¹⁸ Idem.

¹⁹ W.L. entrevista citada.

Estar imersos nessas crenças e tabus pode interferir na manifestação da própria vontade do indivíduo em aceitar-se, especialmente por obrigar-se à obedece-las e segui-las por serem determinadas como forma certa de comportar-se.

A segunda diferença está na questão da autoaceitação, mas não manifestar isso a ninguém, o que seria melhor explicado com o exemplo do “armário”, o homossexual já tem a convicção de sua condição, mas mesmo assim se prende ao medo da repressão social.

Por fim o momento da autonomia financeira como elemento de legitimidade para a publicização e liberdade de auto identificar-se como homossexual. Os três casos trouxeram relatos idênticos ao relacionar sua liberdade/independência financeira ao assumir publicamente sua homossexualidade.

2.2. As múltiplas possibilidades para analisar a interseccionalidade entre a orientação sexual, raça/cor e independência financeira

Kimberlé Crenshaw (1989) define a interseccionalidade como “formas de capturar as consequências da interação entre duas ou mais formas de subordinação”. Através do uso da discussão sobre interseccionalidade é possível, por exemplo, estudar de forma mais aprofundada as discriminações sofridas pelas mulheres se somarmos a estes outros marcadores de diferença e desigualdade social como o de ser negra e ser lésbica.

No caso em questão o conceito foi aplicado pelo fato de ao me deparar com os relatos de experiências de vida os informantes manifestarem que além da homossexualidade havia outras estruturas de poder que influenciavam e se somavam à sua condição de não aceitação social, como o fato de ser negro e pobre.

Assim como o imaginário colonizador nos trouxe uma imagem de um negro que não poderia se misturar ao demais isso também é encontrado no meio homossexual, onde os homossexuais negros são segregados em grupos distintos dos gays brancos como será justificado adiante por Cerqueira 2003, que discute a dupla segregação sofrida pelo homossexual negro.

Conhecer as interdições de liberdade relacionadas à homossexualidade e a raça constitui desafio para todos nós, considerando que falar de homo-afetividade nunca é fácil e os sujeitos sofrem duplamente, por serem negros e por experimentarem uma orientação sexual minoritária circundada por muitas e diversificadas interdições. (CERQUEIRA, 2003)

Com a busca por ocupar espaços pelos grupos homossexuais é possível perceber como historicamente o fator raça/cor influenciou este momento. O estigma do homossexual negro que intersecciona em sua convivência à relação histórica entre poder e subordinação.

Segundo Delcio Lima (1983) o efeito da discriminação carregada pelo sujeito é mais intenso e mais presente quando se trata de homossexual negro.

É o racismo que se incumbe de rejeita-lo, mais pela cor da pele do que mesmo por sua opção sexual. Entretanto, à discriminação do branco racista, soma-se, naturalmente, a do branco heterossexual, este capaz de fazer concessões ao branco homossexual, nunca, porém, ao negro. (LIMA, 198. p. 121).

Nos três informantes a marcação de raça/cor foi algo que de forma direta ou indireta trouxe influencias, principalmente após o momento de assumirem sua homossexualidade, ainda nas décadas de 1980 e 1990, ou após estas décadas. A influência da segregação por raça/cor é algo bem presente em seus relatos de vida, ainda mais quando ligados a questão religiosa, no caso as religiões de matrizes africanas²⁰.

Ainda sobre a análise da interseccionalidade da homossexualidade com outros marcadores de diferença e desigualdade social, destaco o fato dos mesmos vincularem, no primeiro momento, sua não aceitação à dependência financeira da família, pois para eles autodeclarar-se homossexual implicaria no abandono por parte da família. Segundo os informantes da pesquisa ter autonomia financeira interferiu diretamente na forma como foram aceitos na família e nos demais grupos sociais.

A interseccionalidade entre homossexualidade e independência financeira é tão marcante no cotidiano gay que blogs como o Minha Vida Gay, de 2015, publicou que num país como o Brasil a cultura faz o negro ser pobre e o branco ser rico, relacionando a questão da orientação sexual, o gay negro receberia o termo pejorativo como o de ser “viado” e o branco o termo gay, considerado mais brando. O ser negro e ser gay somam-se como justificativas para o preconceito e para a exclusão deste indivíduo.

Este fato pode ser ilustrado na fala do entrevistado W.L. que explicita a maneira como a independência financeira influenciou em sua aceitação social na década de 1990.

Esse período, comezinho dos anos 90, eu com 13 anos, os homossexuais eram muito mal vistos, era como se fosse uma praga. Tinha aqueles que

²⁰ Coloco nesse momento a ligação que os entrevistados têm junto às religiões de matrizes africanas. Entende assim por estas religiões todas que tiveram sua influência em religiões africanas e que se instalaram no território nacional brasileiro durante o tráfico negreiro.

conseguiam se sobressair, como sempre, os que tinham dinheiro. Homossexual só é maltratado quando é “liso”, quando tem dinheiro ele é queridinho – a mas ele é inteligente, a mais ele é engraçado, a mais ele é culto.²¹

A experiência do entrevistado demonstra que, ainda quando criança este absorveu a ideia de que para ser aceito e respeitado socialmente deveria ter autonomia financeira, pois o status trazido por esta condição lhe garantiria respeito e aceitação.

Estudos como o de Juan P. Pereira Marsiaj (2003) que em seu artigo Gays ricos e Bichas pobres vem descrevendo a forma que a segregação múltipla afeta o homossexual, sendo este classificado por sua cor, raça e classe social. Textos como este mostram que o homossexual só é desrespeitado quando é pobre e negro, dando a entender mais uma vez que se você é pobre e mora no subúrbio a sociedade irá reparar em você de forma diferente do homossexual branco, classe média que mora no centro da cidade.

O mesmo entrevistado ainda ressalta que “quando é pobre é viado, quando é rico é gay”, reforçando a ideia de que quando é pobre o homossexual recebe nomes com sentido que reforçam preconceitos, que são bem diferentes dos sentidos atribuídos ao homossexual rico.

Um outro dado que vem a complementar a interseccionalidade entre autonomia financeiro e a homossexualidade é a descrição do entrevistado N.O., ao relatar que o tratamento para com ele se torna diferente quando os outros tomam conhecimento de sua condição financeira.

Isso já, mas até eles saberem realmente quem eu era. Até eles saberem de onde eu vinha ou o que eu fazia. Depois que tinham informações sobre mim a coisa mudava. Infelizmente a gente precisa de status para ser aceito ou ter respeito.²²

Ele admite já ter sofrido discriminação em situações em que o outro não sabia quem ele era (ser contador, ter casa própria, escritório próprio e automóvel), deixando entender que após saberem dessas informações as pessoas mudam o tratamento para com ele, o que valida sua última frase: “infelizmente é preciso de status para ser aceito e ter respeito”.

Pensar o indivíduo a partir da interseccionalidade é perceber que ele não se explica em partes, que suas experiências dentro das diversas estruturas de poder não podem ser tratadas de forma separadas, pois todas estas estruturas agem sobre o indivíduo. Nesse

²¹ W.L., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

²² W.L. entrevista ctada.

momento é possível concluir não ser possível pensar o mesmo apenas nas perspectivas de sua orientação sexual, mas também faz-se necessário considerar a influência das dimensões de raça/cor, condição financeira ligadas a sua orientação sexual.

3. NUANCES DA AUTOACEITAÇÃO HOMOSSEXUAL EM CODÓ: OS CASOS DOS ENTREVISTADOS N.O., F.R.N. E W.L.

Para aprofundar a discussão sobre as interfaces da homossexualidade apresento a seguir os três aspectos mais evidenciadas nas falas dos informantes durante as entrevistas. A primeira está relacionada às questões pessoais, onde o homossexual se descobre, tenta entender o que acontece com sua mente e seu corpo, em geral, procura meios para enquadrar-se em modelos de comportamentos normatizados pelos grupos sociais aos quais busca aceitação como a família, grupos de amigos, no ambiente religioso e no trabalho, mesmo que não sejam comportamentos com os quais se identifica na intimidade. Com base nos relatos do processo de auto aceitação do entrevistado N.O., F.R.N. e W.L. os conflitos e dilemas relacionados à autoaceitação homossexual são bem pessoais, mesmo que os percalços viessem da família ou na dependência financeira por exemplo, a autoaceitação sempre foi primordial.

A segunda seria o grupo familiar, onde o homossexual após enfrentar seus próprios dilemas pessoais passa a buscar (consciente ou inconscientemente) formas de manifestar sua condição para a família. Em geral o grupo familiar presando pela norma social que proibi as relações homossexuais desperta no gay o medo da reprovação e do abandono.

Por último temos a aceitação e acolhimento do homossexual nas relações institucionais ou espaços de uso comum, entre os quais destaco o trabalho e os grupos religiosos, onde após os enfrentamentos dos dilemas pessoais e familiares, as formas de inserção e aceitação são diferenciadas, pois passam pela interseccionalização da cor da pele e a autonomia financeira.

Ao problematizar estes três aspectos da autoaceitação do homossexual minhas intenções não são as de reduzir as questões que a sexualidade engloba nestas, mas a de ressaltar que com o auxílio delas foi possível compreender de forma mais clara o contexto geral de cada entrevistado, refletidos em seu meio social nos anos de 1980 e 1990,

trazendo assim uma linha de discussões e mudanças que os acompanharam e que mudaram até a atualidade.

Dessa forma pretendo afirmar os desafios vivenciados pelos homossexuais codoenses, mais especificamente os três entrevistados nesta pesquisa, o contexto vivenciado por eles e que interfere em sua condição enquanto homossexual, pois as vivências homossexuais no contexto desta cidade podem apontar para as formas como a família, a religião e a autonomia financeira interferem nos modos de ser homossexual de cada um deles.

3.1. A homossexualidade no ambiente familiar

Mônica Silva (2015) justifica a interdependência familiar colocando que seus membros interagem dentro de um meio ou sistema, algo como a biologia faz, mas o que cabe perceber nesse momento é a família como algo singular, ou seja, cada família pode apresentar suas particularidades. Na relação de interdependência o homossexual é componente familiar influenciado pelo seu meio, esta influência vem a moldá-lo.

A família (...) resulta da interação e interdependência de suas partes, ou seja, de seus componentes. O ser humano como sistema vivo é um sistema auto organizador, também pode ser visto como um sistema, mas quando se trata de família, é uma parte, que a influência e por ela é influenciada. (SILVA, 2015, p. 680)

Como colocado no primeiro capítulo deste estudo, a família no século XX influencia na forma de viver a homossexualidade. Mesmo com todo o momento de visibilidade dos homossexuais, o ambiente familiar configura como primeira barreira enfrentada por eles na necessidade de assumir-se. O homossexual, principalmente o que dependia financeiramente da família, preferia esconder-se, reprimindo sua sexualidade. O que é ilustrado nas falas entrevistados N.O., F.R.N. e W.L., pois passaram pela repressão familiar que foi vencida ou ainda permanece velada até hoje.

Para o entrevistado N.O. a barreira principal está relacionada a vergonha que sua família poderia estar sujeita, este medo, portanto, o fez esconder sua condição, mesmo que seus pais questionassem suas condutas. As pressões foram criando barreiras de medo para que ele se assumisse publicamente, ainda, segundo ele, nunca o fez, pois não achou necessário.

Nunca cheguei para minha família e falei nada. Mas eles têm consciência pela atitude que eu tenho. Eu não me sinto com coragem de chegar a minha casa com um rapaz, por respeito a minha mãe. Eu sempre recuso quando o cara pede para ir dormir lá em casa. Se quiser alguma coisa nós vamos encontrar-nos em locais como este que nós estamos (restaurante/locais públicos), [...] Eu nunca disse para minha mãe, mas obviamente ela tem consciência disso por algumas conversas, algumas indiretas que ela já jogou. Mas é como se “eu sei e finjo que não sei”.²³

O ato de não levar um companheiro para sua casa vem do receio de que sua família possa com isso confirmar as suspeitas que cogitam ao seu respeito, portanto, prefere encontros casuais, em locais públicos que o ambiente da casa. Segundo N.O., sua mãe supõe algo sobre sua sexualidade, fatos que nunca foram confirmados por ele.

O comportamento do homossexual dentro do ambiente familiar tende, então, a ter o máximo de sigilo possível, a fim de preservar a imagem de família heteronormativa. Atitudes que, segundo Delcio Monteiro Lima (1983), desde que se comporte com a desejada decência heteronormativa, o homossexual permanece no lar, não deixa a família, nem tão pouco é abandonada por ela. Ser “decente” vem a ser o principal fator que mantém o homossexual dentro do ceio familiar.

Esse contexto muda quando analisei a questão na família do entrevistado F.R.N. Neste caso o primeiro confronto foi no campo pessoal, os momentos de dúvida que o fez questionar o que realmente estava acontecendo com sua mente e com seus comportamentos ainda como reflexo do comportamento heterossexual, o que o fez analisar o que ele realmente pensava e sentia sobre si mesmo.

A família a princípio ficou aquele espanto (...). E enfim, houve até certo desconforto por parte de alguns parentes, mas que com o tempo aceitaram. Eu também não desisti de me assumir, não fui embora, não fugi, eu encarei e hoje todo mundo se conformou. Já namorei com pessoas, namoro com homem e estou vivendo.²⁴

O espanto manifesto pelos familiares era a sombra do medo do que realmente estaria acontecendo com “o filho”, que não se portava como a norma social o induzia a fazer. A forma como os parentes mais próximos o enxergava foi o impulsionador para não desistir de manifestar o que desejava para si. Mesmo com o julgamento familiar ele não desistiu de concretizar sua aceitação, inclusive ocupando espaços públicos.

²³ N.O., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

²⁴ F.R.N., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

Já para W.L. não foi a repressão familiar que o impediu de aceitar-se gay, pois explicita que: “Na minha família propriamente dita eu nunca tive problemas, mas já tive no trabalho, já tive na rua.” Para este a família nunca foi uma barreira para sua aceitação, embora reconheça que a questão principal que o fez descobrir-se como homossexual seria sua relação com o pai, como já relatei no capítulo dois desta pesquisa.

Neste caso é possível perceber a relação entre o assumir a homossexualidade e a independência financeira de forma mais explícita, pois para o entrevistado não havia problema em sua condição de homossexual, nem tão pouco nas formas de tratamento dispensadas a ele no seio familiar, mas assumir-se publicamente foi uma escolha pessoal que ocorreu apenas após ter sua segurança financeira garantida, pois assim julgava ser possível que fosse julgado socialmente por outros elementos, para além de sua sexualidade.

3.2. A sociedade e as mediações para aceitação das relações homossexuais.

De que forma a sociedade em que vivemos vem interferir na sexualidade, mais especificamente na homossexualidade? A resposta para esta questão não é fácil, pois nós enquanto ser social vivemos a grande parte de nossas vidas em ambientes sociais comuns. Fora de nosso núcleo familiar interagimos com grupos de amigos, com ordenamentos religiosos, no trabalho, etc. Isso interfere nos nossos comportamentos e compõe a nossa maneira de ser. Enquanto crianças já aprendemos a seguir normas e regras que nos moldam de acordo com o meio que estamos, algumas dessas regras e a mais básica de todas, nos é apresentada pela família heteronormativa composta por um pai, uma mãe e os filhos. Todas as nossas relações são classificadas entre coisas de meninos e meninas. O homem é o protetor e a mulher é a cuidadora e submissa. Qualquer indivíduo que fuja a estas regras e ultrapasse as barreiras explicitadas por elas pode ser cruelmente criticado e julgado por ser diferente, o que desencadeia uma série de medidas na tentativa de manter os enquadramentos sociais normatizados.

Guacira Lopes Louro (2004) nos traz uma descrição que pode facilitar esta reflexão, pois no momento que o indivíduo rompe fronteiras e decide não mais obedecer parâmetros heteronormativos provocam para si mesmo e para os outros a necessidade de mediações quanto as formas estabelecidas de relações sociais.

De um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada.
Extraviam-se. Põem-se à deriva. Podem encontrar nova posição, outro

lugar para se alojar ou se mover ainda outra vez. Atravessam as fronteiras ou adiam o momento de cruzá-las. (LOURO, 2004, p. 19).

No debate geral da autora no momento do assumir-se socialmente o sujeito foge do que é planejado socialmente para ele, posteriormente apresenta momentos de dúvidas. Encontrar uma nova posição pode passar por uma série de ambientes sociais, onde pode ou não ser aceito, quando a ambientação ocorre ele se aloja, se fixa e passa a ter certezas dos lugares onde deveria estar, para que isto ocorra ele se movimenta para várias direções. Não há uma cronologia ou espaço determinado para o momento da travessia, pois está diretamente relacionado as questões pessoais e a ambientação na família, no trabalho ou mesmo na religião.

O que faço agora é uma tentativa de reflexão sobre o que os entrevistados N.O., F.R.N. e W.L. dizem a respeito de sua aceitação dentro dos espaços sociais os quais frequentam. Nesse momento busco analisar quais as interferências do meio social codoense na aceitação dos três entrevistados apontando se frequentar determinados espaços sociais retardou ou auxiliou os mesmos no momento de “cruzamento da fronteira”.

Sem incorrer nos riscos das generalizações foi possível ilustrar a multiplicidade de facetas sociais dentro de uma mesma cidade. Mesmo que hajam pontos em comum nas falas dos entrevistados, todos viveram o processo de aceitação social de forma diferente e individual.

O entrevistado N.O. ressalta que sua aceitação da sexualidade foi reprimida pela influência familiar. Ele conta que a sociedade via o homossexual como um indivíduo a parte que não pertenceria à mesma, seja por sua forma de andar, falar, agir ou pelo simples fato de declarar-se ser homossexual.

Quando você (homossexual) passava pela rua, eles tinham alguns termos que hoje não usam mais para identificar um homossexual. Na época chamavam de “cotió”, “qualira” e o termo que todo mundo sabe, “viado”, “fresco”. Lembro-me muito bem desses termos que eram usados na época. E o preconceito, obviamente, era muito maior do que agora. Ligavam muito a AIDS aos gays naquela época, então eu acredito que por causa disso o preconceito aumentou mais. Então o gay era rejeitado mesmo, era apedrejado. Aqui em Codó já se tinha notícia desses casos (AIDS). Ligavam muito a AIDS aos gays, tanto que era chamada de “peste gay”. Eu percebia que tinha o preconceito e que ele aumentou muito mais nessa época. Veio à questão de achar que todo gay era promíscuo, que passava doença. Eu me lembro de que em 87

tinha um caso de AIDS no Maranhão. No mundo gay, como não existe essa questão de fidelidade e tal. Claro que não estou generalizando.²⁵

Na fala de N.O. é possível encontrar várias fontes de discussão que não só estavam presentes naquele momento, mas que acompanha a sociedade até hoje como os termos pejorativos, a infidelidade no mundo gay/homossexual e as marcas da AIDS, pois são estigmas históricas que se manifestam dentro de Codó – MA.

Também é marcante a vinculação que o entrevistado faz entre o preconceito ligados a AIDS e seus sintomas com seus inegáveis reflexos sociais, pois o fato de ligar o gay à síndrome já estava fixado no imaginário social. Uma experiência de vida que justifica o preconceito e o medo dos homossexuais, bem como interfere na autoaceitação dos mesmos.

Ao ser questionado a respeito de como a AIDS era noticiada dentro da cidade de Codó, especialmente nas décadas de 1990, o entrevistado N.O. apresentou um resumo de como tudo isso se deu e como ele mesmo percebeu as mudanças em torno desse debate.

Na época eles criaram uma revistinha sobre saúde, que na revista vinham dois homens de sunga e abraçados. O que na época deixou muita gente assim em dúvida. – a quer dizer que vão mostrar agora dois homens transando nessa revista? Tudo para dizer na época que o alvo era os gays. Não se ligava a AIDS a “homem ou mulher”, era só ao gay. Eu mesmo tive um amigo gay que faleceu em 92, foi uma das primeiras pessoas que vi que morreu que todos sabiam publicamente que ele morreu de AIDS. Obviamente que ninguém queria chegar nem perto do caixão, por que pensavam que a AIDS se pegava com qualquer coisa. Mas ai durante a década de 90, no final da década de 90, o Ministério da Saúde emitiu um documento que dizia que a AIDS não tem a ver com essa questão de ser homossexual ou bissexual ou lésbica. Ela é uma doença que atinge qualquer pessoa, independente da “opção sexual”. E que o maior alvo naquela época, de cada 100 pessoas, 70% eram héteros. Por que, como se achava que só gay tinha AIDS, eles achavam que as mulheres eram isentas, muitos maridos traíam suas mulheres e não usava preservativo e chegava a casa não usavam preservativo. Ai tudo isso aumentou de forma desproporcional.²⁶

Vincular a imagem do homossexual ao HIV/AIDS ainda era algo presente na sociedade codoense, portanto, as informações sobre esta síndrome não foram bem recebidas, mesmo tendo o objetivo de esclarecer que todos eram suscetíveis ao vírus. O próprio Governo admitia que a maioria dos contaminados eram heterossexuais. Outro fato que foi interpretado erroneamente é a imagem dos homossexuais vinculada à revista sobre

²⁵ N.O., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016

²⁶ N.O., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

saúde distribuída pelo Governo, assim o homossexual ainda carregava as marcas do preconceito ligado à síndrome.

Segundo N.O., a caracterização do soropositivo²⁷ era algo difícil de ser escondido, pois em 1980, com o pouco ou inexistente tratamento contra a evolução do vírus, quem o contraía adquiriu uma aparência cadavérica. Aquele que portava o vírus apresentava ainda sintomas como queda de cabelo, mudança de cor, dentre outras.

Em 96 eles criaram esse coquetel²⁸. O aidético não tinha mais aquela aparência e poderia viver mais. Quando surgiu esse coquetel foi que “resolveu esse problema”. O que para mim é um agravante, por que o aidético hoje ele tem uma aparência “normal”. Esse é o problema. Ai você acaba se relacionando, acaba indo para cama e acaba contraindo por que você acha que a pessoa está acima de qualquer suspeita. Ai mesmo que está o perigo.²⁹

Os mesmos avanços que possibilitaram mais tempo de vida aos que possuíam o vírus é olhado com um certo receio, o soropositivo agora estava “mascarado”, e para o próprio entrevistado isso traz uma carga de cuidados sobre a questão do sexo e sobre a confiança entre os homossexuais.

O caso do entrevistado F.R.N. corrobora com a opinião do caso anterior. Para ele a sociedade, de forma geral, ainda é muito preconceituosa com relação aos homossexuais.

Ela joga pedras, ela te olha torto, ela te aponta – olha o “viadinho”. Enfim, isso magoa muito. Ser homossexual aqui em Codó, no Maranhão, no Brasil sofreu e sofre muito. Mas eu tenho observado que a gente (homossexuais) temos avançado muito nesse sentido. Está aí esses casais que moram juntos há muito tempo, claro que isso não foi fácil também por que vem a discriminação que está aí muito forte. Eu acho que a discriminação, nós precisamos combatê-la com ações afirmativas e encarar, por que sempre alguém vai te olhar torto e te apontar – olha lá o “viadinho”, olha lá aquela “bicha”. Enfim, mas é você encarar isso e seguir a vida. Por que se você pensar e for rever o que as pessoas querem, você não vai viver seu mundo, vai ser o mundo delas.³⁰

O olhar diferente, ao qual o entrevistado se reporta aponta o julgamento como a fonte de todo o preconceito. O homossexual sofre com duas frentes de investidas

²⁷ Soropositivo vem a ser o termo usado para o portador do vírus do HIV, não necessariamente que possui tal vírus possui a AIDS em si que é uma síndrome causada pelo agravamento do quadro de doenças do que possui o vírus.

²⁸ Segundo o Ministério da Saúde (2017), a taxa de vida de pessoas que possuem o vírus HIV é próxima ou igual a taxa de vida de pessoas que não o possui, fato este que veio a interferir possivelmente na vida de milhões de brasileiros que possuem o vírus.

²⁹ N.O. entrevista citada.

³⁰ F.R.N., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

preconceituosas. Na primeira é vítima do preconceito e da repressão mesmo antes de assumir-se, na segunda sente esta mesma repressão ao assumir-se homossexual. Para o entrevistado F.R.N. a carga social do HIV era direcionada ao homossexual, para ele o julgamento vinha de todos os lados, se tem HIV, “é “viado”; está doente é “viado”; “viado” está magrinho, ele está doente”, validando mais uma vez a ligação entre homossexualidade e a doença, ao estar infectado.

Para os homossexuais não assumidos a vida dentro casulo e do armário era um esconderijo, viver recluso dava ao homossexual a proteção sobre estigmas, porém, também lhe privava da liberdade de dar vazão a novas sensações. O que requer um momento de decisão pessoal que vem policiado pelo medo e pelo receio de ser aceito. Em alguns casos esta aceitação pessoal vem à tona por influência de alguém ou algum grupo. Para o caso F.R.N. não só os motivos pessoais, mas também influências externas o fizeram amadurecer a aceitação e lançar-se para fora de seu mundo de medo.

Digo hoje que o que me fez assumir como negro, como pessoa, como religioso de matriz africana, como homossexual que sou; eu morei em Teresina – PI por cinco anos e nos meus últimos dois anos eu participei de um grupo chamado Grupo Afro Cultural Coisa de Negro e lá eu aprendi que ser negro é bonito, que ser homossexual não é defeito, que minha religião não é de demônios e sim de deuses, eu aprendi a me autovalorizar enquanto pessoa. Aprendi a viver de fato depois que eu participei de muitas conversas, formação, conheci uma galera legal do grupo Matizes de Teresina – PI que também trabalha a questão da homossexualidade. Enfim, esses meus últimos dois anos em Teresina – PI me fez viver, me fez acordar para o mundo e ver o mundo com outro olhar e me ver com outro olhar. Então contribui muito e contribui até hoje.³¹

A abertura para novos espaços sociais o fez encontrar pessoas iguais que o ajudaram a ver seu mundo de forma diferente e notar que ele está dentro de uma sociedade que o julga, mas que ele não precisa se prender aos padrões estabelecidos por ela para estar bem.

Este entrevistado também fala sobre como a sociedade discrimina o homossexual e como foram suas percepções sobre estes momentos. Na sua opinião, o gay que nunca se sentiu assim, discriminado, não é homossexual ou mantém-se tão escondido que sua clausura o transforma.

Segundo ele é possível observar isso nas escolas, pois relata que na sua época de escola sentia essa rejeição, até por professores, as vezes evitava, ficava ali, falava na

³¹ F.R.N., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

turma como um todo mas não apontava ninguém, ele ali no cantinho e o outro no cantinho dele. Enfim, a sala de aula é apenas um dos espaços, o fato de estar na fila de um banco e as pessoas não quererem ficar próximas por que você é afeminado, quanto mais afeminado, mais você é discriminado, por isso muitas pessoas não se assumem, por questão da discriminação, do olhar para ele como homossexual.

Isso acontece em todos os ambientes. Quando você está numa roda de héteros e você está ali no meio e as pessoas não tiverem certa consciência legal sobre isso ou tiverem uma amizade legal contigo, eles vão te rejeitar, por que geralmente homem só fala de futebol, mulher e carro, isso faz com que a gente fique mais no nosso mundinho, que não é bom. E assim, eu superei muita coisa para poder falar sobre isso hoje, por que se você pegar um homossexual novinho de 16 anos, 15 anos, ele pode não te responder, por que se você não tiver preparado pra isso ele vai ter medo de que isso que ele falou saia, que a família saiba, que os coleguinhas da escola saibam. Então assim, eu fui preparado para viver algumas situações, e viver e não sofrer, por que até hoje o dedinho é apontado, por mais que você seja professor, advogado, médico, seja lá o que for, mas sempre tem alguém que te aponta – olha lá o “viadinho”. Mas a gente precisa aprender a conviver com isso.³²

Segundo F.R.N., houve avanços sim, uma certa quantidade de liberdade dada aos grupos homossexuais, mais abertura a debates sobre os direitos homossexuais e mais visibilidade. Hoje é possível perceber que ainda existe preconceitos e barreiras, mas não intensamente como havia antes, da família reprimir ou as agressões na rua. Por ocupar alguns espaços na sociedade e pôr a temática estar sendo muito debatida está se criando um certo respeito, uma certa aceitação.

Falando sobre isso ainda, grandes nomes de Codó – MA que já passaram e já lutaram. Que resistiram, que estão ai até hoje, pessoas de nome como Agnaldo, Pedro César, Braguinha, Carlos Béliche, foram pessoas, que, bem mais antigas que a gente é claro, que eu acho que sofreram mais, por que na época deles não era muito fácil ser homossexual.³³

De forma geral, várias mudanças aconteceram, como citado anteriormente, mas o meio social ainda é um território de agressões aos homossexuais. No Brasil por exemplo, um homossexual é morto a cada 28 horas como mostra o relatório do Grupo de Gays da Bahia de 2016. Embora a família hoje busque entender e aceitar a possibilidade de haver um homossexual na família.

³² F.R.N., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

³³ Idem.

3.3. A religião e as mediações para autoaceitação dos homossexuais.

A grosso modo, religião é um conjunto crença na existência de um poder ou princípio superior, sobrenatural, do qual depende o destino do ser humano e ao qual se deve respeito e obediência segundo o Dicionário Informal (2017). Ao longo de toda a linha histórica o ser humano vem experimentando diversas expressões religiosas, cada uma de forma particular e que se adequa a seu meio social.

Em se tratando da realidade de Codó é necessário destacar que as religiões de matrizes africanas se tornaram ao longo dos anos uma característica principal dentre seus habitantes, o motivo seria a construção social da cidade que veio a receber inúmeros negros ainda escravizados e com eles sua forma de cultuar seus deuses. Desta forma o imaginário religioso codoense carrega as marcas destas religiões.

Dessa forma o que venho a ressaltar aqui enquanto religião é o conjunto dessas regras e normas que regem a sociedade codoense, principalmente, aquelas que orientam os três entrevistados, não de forma generalizada e sim colocando a influência da religião sobre a aceitação, repressão e medo vivido pelos entrevistados.

Como a tensão entre homossexualidade e religião é tabu em nossa sociedade não poderia deixar de ser citado e discutido nesta pesquisa, buscando assim a influência da religião no comportamento do homossexual codoense a partir dos recortes sobre o que foi entendido a respeito da religião que veio a influenciar a vida dos entrevistados, criando assim uma ligação entre sua autoaceitação e o meio que viviam nas décadas de 1980 e 1990.

Em dois casos, F.R.N. e N.O. há uma ligação direta do momento de sua aceitação com a religião. Para F.R.N. sua aceitação enquanto homossexual veio junto com sua autoidentificação enquanto negro e de religião de matriz africana. O mesmo grupo que o ajudou a aceitar sua condição sexual. Para este, sua religião, assim como sua sexualidade, não deveriam se manter escondida, controlada e discriminada.

No caso N.O. a questão foi o inverso, pois a religião seria o meio de esconder sua homossexualidade. Vivendo em uma época conturbada e declaradamente preconceituosa (bem antes de 1980), o entrevistado N.O. viu na Igreja Católica, no caso no seminário, a forma de esconder e controlar sua sexualidade. Neste período relata ter sido abusado sexualmente por um parente seminarista, fato que para ele seria a causa dele ser homossexual, logo em seguida este veio a entrar no seminário para encobrir sua condição e lá tentar “reverte-la”.

Não me coube aqui detalhar o percurso histórico entre a religião e sua interferência na sexualidade, pois esta tarefa já é de domínio público da sociedade através de amplos trabalhos de pesquisa acadêmica. Para Luiz Mott (2001), para citar um exemplo, historicamente, com a ascensão religiosa na Idade Média, o controle religioso se difundiu dentro de todos os grupamentos sociais, entre eles destaque-se o controle social da sexualidade da mulher, da criança e dos que não obedeciam as regras do “crescei e multiplicai-vos”, no caso os que traziam uma escolha diferente em relação ao sexo, ou os que amavam o mesmo sexo, acima de tudo os homens.

3.4. As implicações financeiras para sua autoaceitação da homossexualidade.

O espaço do gay está pequeno, é pequeno. Primeiro por que falta qualificação, que se o poder público quiser interferir, ajudar esse cenário, o primeiro setor que ele tem que atuar é na qualificação. Mercado de trabalho está muito seletivo e os gays não tem vez. Quando se tem dez vagas de trabalho e tem cinquenta candidatos pode ter certeza que das dez vagas, oito serão para os héteros. O fato de ser gay ainda pesa. Ai os gays que não tem muita oportunidade de estudar, não tinha. Agora já melhorou consideravelmente, não posso negar, todo mundo pode estudar; é um abuso aqui, é um abuso acolá, mas nem se compara com os anos 80 e os anos 90. Então, estudar é preciso e o mercado de trabalho está ai, um pouco fechado para essa população LGBT. Mas é isso ai, procurar se qualificar e correr atrás, se está difícil para o hétero, imagine para o homossexual.³⁴

O relato acima descreve a opinião do entrevistado a respeito do homossexual no mercado de trabalho e me dá os elementos para refletir sobre o que influencia a entrada desse público mais facilmente nos diversos setores de emprego. A primeira constatação é a de que, não diferentemente dos héteros, os homossexuais não têm a qualificação exigida pelo mercado. Na segunda fica subentendido que caso seja identificado como gay coloca o sujeito numa condição desfavorável com relação a concorrência com homens héteros e brancos, muito embora reconheça as conquistas no campo da qualificação e dos critérios de seleção nas relações contratuais de trabalho.

Em um estudo feito pela Consultoria Santo Caos, 43% dos entrevistados afirmaram ter sofrido algum tipo de discriminação por sua orientação sexual ou identidade de gênero. Outro estudo, ainda mais alarmante, elaborado pela empresa Elancers, constata-se que 38% das empresas

³⁴ W.L., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

brasileiras não contratariam pessoas LGBT para cargos de chefia, e 7% não contratariam em hipótese alguma. (PASSATORE, 2016)

Delcio Monteiro de Lima (1983) em sua obra denominada “Os Homoeróticos”, nos coloca que as oportunidades de trabalho para o homossexual estão no mesmo patamar da mulher casada, do idoso, aposentado, deficiente físico e menor sem serviço militar, estes exemplos demonstram a dificuldade que o homossexual encontra no mercado de trabalho, seria ele um pertencente a uma parcela que não merece ou não deve trabalhar, ou até mesmo não consegue exercer um trabalho como qualquer outro homem, de meia idade e heterossexual. O autor ainda complementa que se o homossexual for negro, ainda, enfrentaria um duplo preconceito, por sua sexualidade e por sua cor.

Não muito diferente destas colocações, o entrevistado F.R.N. manifesta uma visão que se aproxima da anterior. Para ele há uma sequência entre a repressão e a discriminação do homossexual que, ao acumular, vai criando sentimentos de incapacidade para o mercado.

Eu vejo que temos um pequeno avanço, até por que entrar no mercado de trabalho hoje tem que ter estudo, muitas vezes a sala de aula não te oferece oportunidade de estar entre esses selecionados, muitas vezes você é rejeitado por um professor, por um colega, ali você abala teu psicológico e isso te impede de aprender tanto quanto necessário. E você sabe, hoje o mercado de trabalho é para quem realmente sabe que está preparado. Olha, eu fico muito feliz por que tem muitas pessoas do meio homoafetivo que conseguiram, que estão na luta, que conseguiram alguma coisa, mas que está carente ainda, no meu ponto de vista, ainda está. Mas houve sim avanços, grandes avanços em relação a isso.³⁵

3.5. O tratamento da homossexualidade na TV e nas outras mídias nas décadas de 1980 e 1990 e as interferências no processo de autoaceitação.

Nas primeiras décadas do século XXI, com o nascimento de novas tecnologias é notório os avanços que facilitam os debates sobre a homossexualidade. Um dos principais avanços midiáticos mundial, no campo do desenvolvimento de uma mídia crítica e independente, foi a mídia digital, da internet, e com isso a criação de canais de debates que trabalham os mais diversos temas, dentre este os de mudanças na sexualidade.

³⁵ F.R.N., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

Com o advento da liberdade de imprensa, no caso da mídia homossexual, um dos principais marcos foi o surgimento do jornal “O Lampião da Esquina” que tinha a intenção de discutir temas referentes a homossexualidade de forma bem crítica e marcante.

Nas entrevistas desperta atenção a forma como o entrevistado W.L. dispensa importância ao papel da mídia na visibilidade e na aceitação dos homossexuais. Para ele em 1980 e 1990 o sistema de mídia era diferente e ainda não havia passado pelo desenvolvimento que considera como primordial para a visibilidade gay. Isto porque o fato do entrevistado ser do interior do país onde nem todos tinham condições de acesso as primeiras mídias, conhecidas como os jornais de grande circulação, aparelhos de TV ou de rádio, pois isto tem implicação tanto na aceitação pessoal do gay como pela forma como a sociedade os percebe, o que coube analisar, também, como a homossexualidade era apresentada para a sociedade através da mídia, em especial por aquela à qual os entrevistados tinham acesso, portanto, busquei responder como a temática da homossexualidade era trabalhada pela mídia e com quais fins. Esse direcionamento dos entrevistados me auxiliou no entendimento de como a mídia deu visibilidade aos gays, criou espaços de aproximação dos grupos homossexuais com outros grupos sociais e ajudou a desconstruir a imagem demonizada dos mesmos.

Num esforço de memória, um dos primeiros casos citados pelo entrevistado N.O. remonta o caso de um programa de TV³⁶ onde um homossexual vive dentro do armário e tem medo de assumir-se, escondendo sua condição numa relação heterossexual, como relata:

Tinha um personagem chamado Haroldo que era hétero. Que era um gay que sempre se via em situações com mulheres e tinha um gay mais “depravado” que chegava quando ele estava com as mulheres e “esculhambava” logo, então ele dizia: solta essa franga Luana, você fica com mulher, mas teu negócio é outro. Isso em programas de comédia, programa do Chico Anísio. Claro que era muito engraçado, naquela época as pessoas geralmente não tinham tanta facilidade de se assumi, então veio esse personagem que mostrava que não adiantava tu segurar.³⁷

³⁶ Chico Anysio Show foi um programa de televisão brasileiro criado pelo humorista Chico Anysio, produzido pela TV Rio e dirigido pelo próprio Chico e por Geraldo Thomé a partir de 1960, onde foi exibido até 1963. Na Rede Globo, o Chico Anysio Show foi produzido e exibido entre 1982 e 1990. O título Chico Anysio Show foi retomado após o fim do clássico Chico City, em 1980, depois de quase dez anos, e do mensal Chico Total, levado ao ar na temporada de 1981.

³⁷ N.O., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

É importante ser ressaltado como era a forma de circulação midiática do tema dentro do Maranhão e em Codó. O entrevistado F.R.N. diz que logo que assumiu não se falava sobre homossexualidade na mídia em Codó, o que prevalecia era a visão negativa do homossexual. Não tinha ação voltada para este público. Em complemento o entrevistado N.O. discorre.

Em Codó não. Eu vi em São Luís um jornal chamado “A Louca” e que eu até comprei um. Isso na década de 90. Tinha uma revista chamada “sui generis” que ela foi extinta e que era destinada ao público gay, em 95/96. Depois surgiu a “G Magazine”. Eram revistas gays.³⁸

Ou seja, em sua primeira colocação o entrevistado N.O. traz a imagem do homossexual dentro da mídia como alguém que deveria se esconder, manter uma aparência heteronormativa e acima de qualquer suspeita. A respeito da circulação de mídias homossexuais, segundo ele, era mais presente em regiões metropolitanas do estado, principalmente o conteúdo homossexual mais erótico, como o caso da revista Sui Generis que pertencia a este seguimento, situações que não replicavam com a mesma proporção em cidades pequenas como Codó.

Ao ser questionado, assim como os anteriores, o entrevistado W.L. cita ainda a relação da mídia com o tema da AIDS.

Nos anos 90 começou a onda da camisinha, o negócio da AIDS, do Cazuzu era reflexo disso, ainda, ele morreu em 89. Então eu via que quase não tinha no começo dos anos 90, começou a partir daí. Eu lembro pouco.³⁹

Como já citado neste estudo, o entrevistado N.O. coloca que havia notícias relacionadas à AIDS, principalmente com o ícone Cazuzu que veio a assumir publicamente a doença em um canal aberto da TV.

Ainda na década de 1980 temos uma série de publicações em forma de jornais e revistas voltadas ao público homossexual⁴⁰, que tratavam de diversos temas, desde a prevenção de doenças até as relações interpessoais, festas, entre outros.

Foi por ocasião de uma das festas homossexuais masculinas no Rio de Janeiro, em 1963, (...) um jovem que emigrara de Recife dez anos antes, teve a ideia de lançar um jornal de duas páginas datilografadas. (...). Surgiu aí O Snob, talvez o mais emblemático jornal de produção caseira

³⁸ Idem.

³⁹ W.L., entrevista concedida a Natanael Araújo Faustino. Codó-Maranhão. 2016.

⁴⁰ O Snob em 1963, Le Femme em 1967, O Lampião da Esquina em 1978.

deste período, que inspiraria a criação de outros similares no Rio, como o Le Femme, Os Felinos, Okzinho. (SIMÕES E FACCHINI, 2009. p. 69)

Como destacado por Júlio Simões e Regina Facchini (2009), até mesmo antes da década de 1980, já surgiam mídias caseira e simples que representavam a vivência homossexual da época por aqueles que vivenciavam de dentro esta realidade.

De forma geral, a vivencia homossexual é carregada de diversos fatores, muitas influencias, muitas destas carregam um peso maior sobre a vida desses homossexuais, como o caso da família, o meio social que tende a criar várias normas sobre o comportamento, o meio religioso, financeiro e até toda a influência midiática que sobrecarregam a todos de forma geral, em particular os homossexuais. Outros aspectos poderiam ser citados, mas o objetivo dessa pesquisa foi apontar pontos que influenciaram os três entrevistados, e que puderam trazer uma discussão entre o passado e presente à visão dos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo me possibilitou uma análise acerca das vivências e da autoaceitação pessoal de homossexuais dentro da cidade de Codó-MA nas décadas de 1980 e 1990 considerando, especialmente, os elementos que interferem na construção da identidade do homossexual no que tange as relações destes com a família, sua raça/cor, religião e independência financeira.

De modo geral, as barreiras sociais e os dilemas pessoais dos gays ainda se mostram evidentes nos dias atuais, muito embora a organização, as conquistas de direitos e a visibilidade midiática a partir das décadas de 1980 e 1990 tenham contribuído para o abrandamento dos preconceitos com relação aos mesmos. Os homossexuais passaram a reivindicar mais seus direitos e mais liberdade em relação as exigências familiares que buscam enquadrá-los dentro do modelo heteronormativo, aos preconceitos de raça/cor, a aceitação religiosa e a busca de independência financeira, conquistando assim, a princípio, sua autoaceitação pessoal e sua aceitação social.

Ainda não deixando de complementar que atualmente as conquistas continuam se fazendo presente, mas as barreiras políticas impostas por grupos conservadores ainda se tornam mais presentes ainda, este é o ponto de barreira, não só para os grupos sociais e movimento LGBT, mas um ponto de repressão pessoal que afeta diretamente a autoaceitação do homossexual. Uma das mudanças significativas estão na liberdade de expressão trazidas pelas mídias sociais, fato que difere e muito dos anos de 1980 e 1990, contudo, apesar de todas as lutas e barreiras, hoje temos um movimento homossexual maduro e carregado de representação e liberdade.

As informações levantadas a partir das entrevistas evidenciaram que os desafios e os dilemas relacionados a autoaceitação e a visibilidade de gays é um processo constante que atravessa gerações e requer deste grupo uma postura crítica, pois, em geral, acumulam marcadores de diferença que geram desigualdade social para além das questões relacionadas diretamente ao sexo/gênero, como raça/cor e autonomia financeira. Interseccionalizar estes marcadores impulsionou os sujeitos a tomarem posicionamentos quanto aos condicionantes sociais que lhes eram impostos.

Dada a importância do tema e a impossibilidade de esgotá-lo, torna-se necessário a continuação de pesquisas que tendam a complementar ainda mais a linha temporal sobre a homossexualidade, sendo estas pesquisas no âmbito nacional, estadual ou mesmo dentro de Codó-MA. Podendo além disso desenvolver trabalhos sobre a contribuição e influência

dos homossexuais nos mais diversos meios sociais. O que busquei trazer neste momento foi uma guia, um início para diversas outras pesquisas relacionadas ao homossexual, a homossexualidade, aos movimentos sociais. Falas sobre este tema é uma fonte inesgotável de conteúdos e ideias.

Neste sentido, a construção de uma análise a respeito das vivências homossexuais permitiu um olhar diferente pois a partir de minha própria experiência pude notar que tais vivências construíram uma imagem pessoal e social do homossexual ao longo do tempo, retirando-o da marginalidade e permitindo a ele a construção de sua identidade e a conquista de seus espaços, aspectos estes que dizem respeito a construção da aceitação pessoal dos homossexuais codoenses entre 1980 e 1990, explicitando assim as barreiras pessoais deste momento, bem como apresentar as influências destes fatos nos dias atuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Ministério da Saúde. Portal da Saúde. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/>> Acessado em 13 de setembro de 2017.

BRESLER, Liora. **Pesquisa qualitativa em educação musical: contextos, características e possibilidades**. Revista da Abem nº 16, p. 7 a 16, Março de 2007. In: CORRALES, Maria Eunice Dornelles. **Educação Musical Na Maturidade: Um Estudo Com Adultos Médios**. Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul Instituto De Artes Departamento De Música. Porto Alegre, 2009.

CARNEIRO, Ailton José dos Santos. **A fabricação do homossexual: história, verdade e poder**. Anais Eletrônicos – VI Encontro Estadual de História – ANPUH/BA – 2013.

CERQUEIRA, Marcelo. **Raça e Homossexualidade: um diálogo urgente**. Grupo Gay da Bahia. – Salvador, 2003. Disponível em: <http://www.ggb.org.br/marcelo_artigo_raca.html> Acessado em 20 de março de 2017 às 14:00 horas

COLAÇO, Lorena Carrillo; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de. **A homossexualidade e a heteronormatividade: um estudo bibliográfico**. Anais da XVII Semana de Iniciação Científica da UNICENTRO. 11 a 13 de setembro de 2012 - ISSN – 2238-7358.

D'EÇA, Marco Aurélio. **A homossexualidade na Igreja Católica**. Postado em 27/02/2013. Disponível em: <<https://www.marcoareliodeca.com.br/2013/02/27/a-homossexualidade-na-igreja-catolica/>> Acessado em 18 de abril de 2017 às 15:25 horas.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. in: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

GOMES, Letícia Simões. **Diversidade sexual na sociedade brasileira**. Levante Popular da Juventude. SP

GUIMARÃES, Anderson Fontes Passos. **O desafio histórico de "tornar-se um homem homossexual": um exercício de construção de identidades**. Temas psicol. vol.17 no.2 Ribeirão Preto, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 - Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Acompanha 1 CD-ROM. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_o_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: março de 2013.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007. in: PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

LIMA, Délcio Monteiro de. **Os homoeróticos: gays e lésbicas na sociedade brasileira.** – Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACEDO, Daniela Cristina Alaniz. **Uma visão jurídica da homossexualidade.** – Londrina: Eduel, 2003.

MARSIAJ, J. P. P. **Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil.** In: Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas: UNICAMP/IFCH/AEL, v. 10, n. 18/19, p.129-145, 2003.

MOLINA, Luana Pagano Peres. **A homossexualidade e a historiografia e trajetória do movimento homossexual.** Antíteses, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011 DOI: 10.5433/1984-3356.2011v4n8p949.

MOTT, Luiz. **A revolução homossexual: o poder de um mito.** REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 40-59, março/maio 2001.

MUNDOPSIÓLOGOS. **Por que é difícil assumir a homossexualidade?** Postado em 31 de março de 2016. Disponível em <<http://br.mundopsicologos.com/artigos/por-que-e-dificil-assumir-a-homossexualidade>> Acessado em 18 de abril de 2017 às 16:00 horas.

NAZARÉ, Marcela Peregrino Bastos de. **O Movimento Homossexual Brasileiro: da clandestinidade à esfera pública.** Revista Urutáguia – DCS/UEM. Nº 24 – maio/agosto 2011. (pag. 40 a 49)

PASSATORE, Gabriela. **A discriminação da população LGBT no mercado de trabalho.** Disponível em: <<https://gabrielapassatore.jusbrasil.com.br/noticias/338644133/a-discriminacao-da-populacao-lgbt-no-mercado-de-trabalho>> Acessado em 15 de outubro de 2017.

RIOS, Luís Felipe. [et al.] **Homossexualidade : produção cultural, cidadania e saúde** - Rio de Janeiro : ABIA, 2004.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário.** Tradução: Plínio Dentzien; Revisão: Richard Miskolci e Júlio Assis Simões. *Cadernos Pagu* (28), janeiro-junho de 2007:19-54.

SILVA, M. M. L. et al. **Família e Orientação Sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina.** ISSN 1413-389X *Trends in Psychology* / Temas em Psicologia – 2015, Vol. 23, nº 3, 677-692. DOI: 10.9788/TP2015.3-12

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: A hierarquia da invisibilidade.** — São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Izaac Azevedo dos. **A construção sócio-histórica da homossexualidade**. Publicado em: <<http://www.gay1.ws/2010/10/construcao-socio-historica-da.html> > Acessado em 21 de fevereiro de 2016.

SHEEP, Nelson. **Transmissão de HIV entre heterossexuais é a que mais cresce no Brasil**. <<http://www.superpride.com.br/2016/10/transmissao-de-hiv-entre-heterossexuais-e-a-que-mais-cresce-no-brasil.html>> Acessado em 15 de outubro de 2017. (fonte primária: Portal da Saúde do Governo de Sergipe. Disponível em: <<http://saude.se.gov.br/index.php/2016/10/04/sergipe-tem-4-943-casos-notificados-aids-faixa-etaria-de-30-a-39-anos-ainda-e-a-mais-atingida/>>)

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. **Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado**. Orientador: Bernardo Jablonski. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC RIO. Rio de Janeiro, 2007

SIMÕES, Júlio Alves; FACCHINI, Regina. **Do movimento homossexual ao LGBT**. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Rafael de. **“Saindo do Gueto”: o Movimento Homossexual no Brasil da Abertura, 1978-1982**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.